

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LORENA FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA

A CIÊNCIA SEXUAL FILÓGINA: GÉRARD ZWANG E SHERE HITE NA DEFESA DA
SEXUALIDADE FEMININA

CURITIBA

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LORENA FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA

A CIÊNCIA SEXUAL FILÓGINA: GÉRARD ZWANG E SHERE HITE NA DEFESA DA
SEXUALIDADE FEMININA

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito parcial para conclusão do Curso de História – Licenciatura e Bacharelado, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe, Rosemar, por ter sido e continuar sendo minha força e meu exemplo maior no mundo. Mãe, obrigada por tanto amor dedicado, por sempre estar ao meu lado, pelo apoio incondicional às minhas decisões, mesmo quando elas me levaram pra longe de casa. Obrigada por ter sido meu suporte e por sempre ter confiado em mim, me incentivado e me passado a segurança de que você sempre estaria ali. Agradeço também ao meu pai, João, pelo amor incondicional e por todo o carinho dedicado.

Também agradeço com muito carinho minha irmã querida, Luana, minha pequenininha, que pra mim sempre será o bebê da casa. Valeu por do seu jeito meio rabugento ter participado de todos os momentos da minha vida. Obrigada por todo amor e admiração, e obrigada por ter compartilhado comigo esses últimos anos de boemia e companheirismo.

A todos os meus amigos da reitoria, a todo GRR 2007, por todas as horas dedicadas ao pátio, ao bar, aos Enehs, responsáveis por terem feito da faculdade os melhores anos da minha vida. Um obrigada bastante carinhoso ao amigo Ronaldão, pela amizade cultivada ao longo desses anos, e que com certeza valerá para sempre. Agradeço especialmente a Fernanda, não somente por ter sido sempre uma amiga fiel e presente, mas toda a sua contribuição com esse trabalho. Obrigada por escutar todas as minhas lamúrias e prantos, por ter me incentivado sempre, pelas correções ortográficas e orientações metodológicas. Valeu Fer!

Agradeço de forma bastante enfática minha professora e orientadora Ana Paula, por desde a primeira reunião ter acreditado e incentivado a realização desse trabalho, além disso, gostaria de agradecer por toda a disposição e paciência na orientação, imprescindível para a conclusão do mesmo.

A todos os amigos de luta, especialmente os companheiros do Levante Popular da Juventude, por terem dividido comigo a luta por um mundo melhor, talvez o principal aprendizado da faculdade.

E por último, agradeço de todo o meu coração meu namorado Eduardo, que me acompanhou por todo esse caminho. Obrigada pelo carinho dedicado em todas as noites que eu precisei madrugar estudando, pelo suporte em tantas atividades e trabalhos, pela paciência com todos os meus surtos acadêmicos, por ter sido meu porto seguro. Sem você essa trajetória teria sido muito mais difícil e sem graça. Obrigada por todas as experiências compartilhadas nos últimos seis anos, por ter sido meu amor e companheiro de vida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as produções científicas sobre a sexualidade feminina durante as décadas de 1960 e 1970, mais especificamente a produção discursiva mais próxima do movimento feminista da segunda onda, e que diferente da sexologia tradicional, apresentou uma atitude mais positiva em relação às mulheres e à sua sexualidade. Analisamos a formação e os termos desse novo discurso a partir de duas principais publicações: o livro do médico francês Gérard Zwang, “O sexo da mulher”, de 1967, e o livro da historiadora e feminista Shere Hite, “O Relatório Hite – Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina”, de 1976. Esses dois autores apresentaram uma nova proposta de sexualidade, principalmente porque procuraram analisar a mulher e o desejo feminino a partir de uma ótica própria, da mulher. Os dois livros foram parte integrante do processo de reavaliação do que era ser mulher, relacionado com a apropriação do corpo e da sexualidade feminina, pois contribuíram para a construção de um novo olhar acerca da feminilidade, lutaram contra misoginia e colaboraram para a construção de um olhar positivo sobre a sexualidade feminina. Ao defender a apropriação feminina do seu próprio corpo e desejo, Zwang e Hite contribuíram para a constituição de um bem estar da mulher consigo mesma.

Palavras-chaves: ciência sexual, feminismo, sexualidade feminina.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
1. A CIÊNCIA DA SEXUALDADE.....	10
1.1 O sexo em discurso: Foucault e a ciência sexual	16
1.2 A sexualidade estatística e os relatórios dos anos 1940-70.....	21
2. A SEXUALIDADE DO CASAL MODERNO.....	26
2.1 O sexo e a felicidade conjugal.....	26
2.2 Uma via de mão dupla: direitos ou imposições?.....	32
2.3 “O que deseja a mulher?” A sexualidade e a segunda onda do feminismo.....	37
3. UM OUTRO OLHAR: A CIÊNCIA SEXUAL NUMA PERSPECTIVA FILÓGINA.....	43
3.1 Gérard Zwang e o elogio ao sexo da mulher.....	44
3.2 O relatório Hite e a defesa da emancipação sexual feminina.....	51
3.3 Outras enunciações: a apropriação feminina do seu próprio corpo e desejo.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
FONTES	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XIX houve uma proliferação de discursos científicos relacionados à sexualidade. A ciência sexual que começou a se consolidar nesse período visava principalmente tratar das patologias sexuais, partindo sobretudo de um pressuposto eugênico, cujo objetivo consistia em curar as doenças e impedir que elas fossem transmitidas para as gerações futuras. Um século depois a ciência sexual se voltou principalmente para tratar a sexualidade conjugal, procurando compreender os motivos dos desajustes sexuais para tentar salvar casamentos ameaçados por tais disfunções. Houve, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, uma proliferação dos discursos relacionados à sexualidade do casal. O saber científico sobre o sexo que até o momento se mantivera num âmbito bastante restrito, popularizou-se e se fez presente na vida cotidiana dos cônjuges, manifestando-se sobretudo através da popularização das publicações científicas e da sua inserção em revistas de grande circulação, principalmente aquelas voltadas para o público feminino, com informações sobre o orgasmo e a maneira de alcançá-lo para atingir a felicidade sexual e matrimonial.

É também nesse mesmo contexto que se organizou a segunda onda do movimento feminista, mais precisamente durante as décadas de 1960 e 1970. Diferente do feminismo do começo do século XX, relacionado principalmente à luta por direitos civis, o feminismo da segunda onda pautou-se pela desnaturalização dos papéis de gênero e pela defesa da apropriação das mulheres do seu corpo e do exercício pleno da sexualidade. O objeto de estudo desta pesquisa se situa no encontro entre as múltiplas produções discursivas da ciência sexual na segunda metade do século XX e pelas novas enunciações feministas sobre o corpo e a sexualidade.

Esta pesquisa analisa as produções científicas sobre a sexualidade feminina durante as décadas de 1960 e 1970. Todavia, o enfoque principal é dado à produção científica que esteve muito próxima ao movimento feminista da segunda onda e que diferente da sexologia tradicional, apresentou uma atitude mais assertiva e positiva em relação às mulheres e à sexualidade feminina.

Nesse contexto de múltiplas produções discursivas, vemos surgir uma nova reflexão sobre a sexualidade. Críticos à ciência sexual tradicional, alguns autores apresentaram uma nova proposição que se voltava a compreender a sexualidade feminina sem estabelecer

comparações com a masculina, até então tomada como o padrão. Nesse sentido, nossa problemática procura responder como foi construída e se caracterizou essa nova produção científica, que buscou analisar a sexualidade feminina a partir da mulher, em oposição àquela que tomou como referencial o desejo e a sexualidade masculina. Dessa maneira, pretendemos analisar a formação e os termos desse novo discurso a partir de duas principais publicações. Trata-se do livro do médico francês Gérard Zwang, “O sexo da mulher”¹, publicado em 1967, e do livro da historiadora e feminista Shere Hite, “O Relatório Hite – Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina”, publicado em 1976.² Pretendemos ainda entender como, a partir dessa ampla produção discursiva, as novas enunciações se relacionaram entre si. O livro de Zwang teve um grande sucesso editorial na França, e ganhou a simpatia do movimento feminista, todavia, apesar de seu sucesso na Europa, foi traduzido no Brasil no ano 2000, e publicado pela editora Unesp. Já o livro de Shere Hite foi um sucesso editorial no mundo todo, e foi traduzido e publicado em 17 países. Entretanto, o livro foi censurado em alguns países, como no Brasil, onde sua publicação foi proibida até 1978, e depois disso, vendido com uma tarja preta e com o aviso “venda proibida para menores de 18 anos”.

Para compreendermos o processo no qual se desenvolveu essa nova produção discursiva acreditamos ser fundamental entender como se constituiu a ciência da sexualidade e além disso, como o sexo se tornou fundamental para a manutenção do vínculo conjugal a partir dos anos 1960, e ainda, a relação com o movimento feminista da segunda onda, datado na mesma década. Para tanto, dividimos o nosso trabalho em três capítulos, o primeiro deles para compreender a formação da ciência sexual; o segundo para analisar o contexto dos anos 1960 e 1970 no que diz respeito às novas ideias sobre a sexualidade conjugal e sobre a sexualidade feminina em diálogo com o movimento feminista. Por último buscamos analisar as fontes propriamente ditas, refletindo sobre essa nova produção discursiva.

No primeiro capítulo, intitulado “A ciência da sexualidade”, buscamos compreender como os assuntos relacionados ao sexo se tornaram um campo do saber desde o século XIX, quando a principal preocupação dos sexólogos se situava na cura das patologias sexuais, até os anos 1950-1970, quando a sexologia se voltou para curar os desajustes do casal. Nesse processo, recorreremos aos estudos de Michel Foucault, especialmente o livro “História da

1 ZWANG, Gérard. **O sexo da mulher**. São Paulo, Editora da UNESP, 2000.

2 HITE, Shere. **O Relatório Hite – Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina**. São Paulo: Círculo do Livro S/A.

sexualidade I: a vontade de saber”³ e do historiador André Bejin na coletânea “Sexualidades Ocidentais”⁴.

A sexualidade do casal se tornou um dos principais temas da ciência sexual a partir da segunda metade do século XX e esse objeto não foi escolhido por acaso. A partir da década de 1960 o casamento se tornou o espaço privilegiado para os indivíduos terem suas necessidades de ordem sentimental e sexual atendidas. As responsabilidades familiares e o cuidados com os filhos deixaram de ser suficientes para a manutenção do vínculo conjugal, e a satisfação sexual, medida sobretudo através do orgasmo, passou a ser um grande definidor de felicidade e compatibilidade matrimonial. A importância que o sexo assumiu na vida do casal veio carregada de imposições, principalmente para as mulheres, pois elas se tornaram as grandes responsáveis pela satisfação sexual do casal. Apesar das limitações culturais vividas pelas mulheres sobrepostas à responsabilidade pela felicidade sexual do casal, os anos 60 também testemunharam o ressurgimento do movimento feminista no mundo todo, pautado principalmente pela defesa das liberdades sexuais e da autonomia das mulheres no que diz respeito ao seu corpo e prazer.

Dessa maneira, o segundo capítulo do nosso trabalho, intitulado “A sexualidade do casal moderno” se dedica a compreender como o sexo se tornou tão importante na vida conjugal, mas também entender os limites de uma liberdade ainda muito marcada por contradições. Recorreremos às análises de Purificacion Barcia Gomes⁵ para entender como ao longo dos séculos XIX e XX o amor entre os cônjuges tornou-se a essência e a justificativa do casamento. Também foi de grande contribuição a tese de doutoramento de Roselane Neckel “Pública vida íntima”⁶, para compreendermos a Revolução Sexual dos anos 1960 e 1970, marcada por muitas contradições, principalmente no que diz respeito ao papel da mulher. E ainda, para traçarmos a história do feminismo da segunda onda, nos embasamos principalmente na publicação da historiadora Yasmine Ergas “O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980”⁷. Segundo a autora, diferente do feminismo do começo do século, que se

3 FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Grall, 1982.

4 ARIÉS, Philippe e BEJIN, André (Orgs). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

5 GOMES, Purificacion Barcia. Separação contingência do casamento? In. PORCHAT, Ieda. (Org.). **Amor, casamento, separação** – A falência de um mito. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

6 NECKEL, Roselane: **Pública vida íntima: a sexualidade das revistas femininas e masculinas (1969-1976)**. São Paulo: PUC/SP, 2004. Tese – Doutorado em História – Programa de Estudos Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

7 ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In. DUBY, Georges; Perrot, Michelle. (Orgs.). **História das mulheres no ocidente**. O século XX. Trad. Alda Maria Durães. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991.

dirigia principalmente à conquista da igualdade civil e política, o feminismo da segunda onda buscou compreender a mulher em suas múltiplas definições, bem como situar as limitações históricas que influenciaram a própria maneira como as mulheres se viam. É a partir desse discurso que o que antes era pertencente ao contexto privado passou a ser visto como algo político.

A efervescência da segunda onda do feminismo promoveu a formação de uma nova proposição discursiva e política quanto à sexualidade feminina. A problematização dos desejos femininos e a auto-apropriação do corpo e da sexualidade se tornaram uma das principais bandeiras do movimento, constituindo uma rede de vozes dissonantes que buscavam entender como as mulheres viam a si mesmas, opondo-se à construção de conceitos misóginos e ofensivos sobre o corpo e a sexualidade feminina. Os livros analisados, “O sexo da mulher”, de Gérard Zwang, e “O relatório Hite” de Shere Hite, estão inseridos nesse contexto crítico. Esses autores procuraram, de forma bastante pioneira, problematizar a singularidade e as diferenças da sexualidade e do desejo femininos. Além disso, as duas obras são contestadoras tanto da produção científica que lhes antecederam, quanto das que lhes são contemporâneas, denunciando-as por mitificarem o desejo feminino e analisá-lo a partir de um referencial exclusivamente masculino e muitas vezes pejorativo. O terceiro capítulo do trabalho, intitulado “Um outro olhar: a ciência sexual numa perspectiva filógina”, busca refletir e analisar esse nova proposição discursiva, que à diferença de uma ciência definida pelas feministas como misógina, estuda a mulher sob uma ótica positiva e afirmativa.

O que pretendemos discutir nesse trabalho é a formação desse novo discurso, bem como o engajamento proposto pelos autores aqui estudados, que buscaram, de diferentes maneiras, propor uma nova lógica para o sexo, pautado na recusa de conceitos misóginos que desvalorizam a sexualidade e o corpo femininos, e defendendo o bom relacionamento sexual entre os parceiros, sobretudo, promovendo o bom relacionamento da mulher consigo mesma.

1. A CIÊNCIA DA SEXUALDADE

Os discursos sexuais desenvolvidos na segunda metade do século XX continuaram utilizando a ciência como ferramenta legitimadora do saber. O que notamos nesse período é um contraste entre um novo discurso, considerado moderno e pelo qual os casais deveriam se orientar, e os discursos sexuais do passado, considerados obsoletos e por isso, a serem superados. Todavia, os novos discursos continuaram se pautando no saber científico, e são parte constituinte da ciência sexual que começou a se desenvolver no século XIX. Para tanto, esse capítulo se dedica principalmente a entender como se formou a ciência sexual, e como ela se caracteriza a partir da segunda metade do século XX, período estudado nesse trabalho.

A ciência da sexualidade ou sexologia, começou a se consolidar a partir do século XIX, formando-se sobretudo como uma ciência interdisciplinar, transitando por diversas áreas do saber, tais como a psicologia, a medicina e as ciências sociais. Em decorrência dessa interdisciplinaridade ela apresentou duas principais tendências: uma com um enfoque mais biológico, atrelado aos aspectos funcionais e ligado à fisiologia e à medicina; e outra mais antropológica, ligada ao campo das ciências humanas e aos estudos sobre o comportamento. Além disso, a sexologia passou por importantes transformações entre o século XIX, quando se situou principalmente no campo das patologias, e meados do século XX, quando passou a se dedicar principalmente aos estudos envolvendo o prazer e a satisfação sexual do casal moderno.

Ao estudarmos a história da sexologia, ou de como a sexualidade se tornou um domínio da ciência, é importante observarmos que nosso campo de estudo está situado, sobretudo, na sociedade ocidental. Michel Foucault afirma que historicamente foram desenvolvidas duas maneiras de produzir a verdade sobre o sexo: *A ars erótica* e a *scientia sexualis*⁸. A primeira está diretamente relacionada ao prazer, já que o sexo não é considerado de acordo com leis ou com a utilidade. Segundo o autor, a sociedade ocidental foi a única a desenvolver uma *scientia sexualis*, ainda que nunca tenha chegado a desenvolver a *ars erotica*.

A ciência sexual desenvolvida no Ocidente baseou-se principalmente na confissão, estimulada desde a Idade Média. Incentivada principalmente pela contra reforma, a

8 FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Grall, 1982, p. 57.

confissão se constituiu como um dos principais instrumentos de produção de verdades, e nesse sentido, a questão sexual foi matéria privilegiada. Segundo Foucault, “o homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente”⁹. Confessaram-se os mais íntimos segredos aos pais, aos médicos, aos líderes religiosos, no ambiente particular e no público. Foi a partir da confissão, portanto, que se constituiu a ciência sexual no ocidente, ainda que esse processo não tenha ocorrido sem dificuldades.

Segundo o historiador francês André Bejin¹⁰, ao analisarmos o nascimento da sexologia devemos fazê-lo a partir de dois referenciais. O autor identifica dois momentos do nascimento da sexologia, o primeiro, a proto-sexologia, se dá em meados do século XIX e tem como principais referenciais analíticos os livros de mesmo título escritos por Heinrich Kaam e por Kraft-Ebing, intitulados *Psychopathias Sexualis*¹¹. Essa primeira onda de estudos sobre a sexualidade se dedicava principalmente ao estudo das patologias sexuais, das doenças venéreas e aberrações sexuais, partindo de um pressuposto eugênico, cujo objetivo consistia tanto em tratar das patologias, como impedir que elas fossem transmitidas para as gerações futuras. O segundo momento se configura entre as décadas de 1920 e 1950, tendo como principais expoentes William Reich e Alfred Kinsey. A segunda onda da sexologia não enfoca as patologias e se concentra principalmente na questão do prazer sexual e do orgasmo¹².

O sociólogo francês Michel Bozon também defende que a sexologia nasceu no século XIX e se modificou a partir do século XX, principalmente depois das publicações do zoólogo americano Alfred Kinsey e do casal de pesquisadores William Masters e Virginia Johnson¹³. Segundo o autor, o surgimento dessa primeira ciência da sexualidade, produtora de um vocabulário específico, não condicionado aos aspectos reprodutivos, só foi possível devido ao surgimento de uma “vontade de saber”, em referência ao termo foucaultiano, que fez emergir uma série de disciplinas voltadas para o corpo, como a pedagogia, a medicina e a psiquiatria.

Bozon acrescenta uma importante condição para o surgimento desta “vontade de saber”, e portanto, para o florescimento da sexologia. Segundo o autor, a sexologia só teve condições de se constituir como ciência quando se deu a separação entre o sexo e a

9 Ibidem, p. 59.

10 ARIÉS, Philippe e BEJÍN, André (Orgs). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

11 O livro *Psychopathias Sexualis de* Heinrich Kaam foi publicado em 1844, e o *Psychopathias Sexualis de* Kraft-Ebing foi publicado em 1886.

12 Ibidem, p. 210-211.

13 BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 51.

reprodução, quando se tornou possível começar a pensar o sexo segundo uma outra finalidade, não relacionada necessariamente à reprodução¹⁴.

É interessante observar o destaque dado por Bozon ao controle da natalidade. Segundo o autor o controle da natalidade produziu uma alteração na concepção de sexualidade, ao desatrelá-la do aspecto reprodutivo. Desde o século XVIII, em toda a Europa, mas principalmente na França, houve uma intensa preocupação com o controle de natalidade, dando início a um longo período de descenso populacional. Ainda que as pílulas anticoncepcionais tenham dado um salto de qualidade na garantia contraceptiva nos século XX, outros métodos, como o coito interrompido ou a privação de sexo durante o período fértil, já eram amplamente utilizados no século XVIII e essa ênfase no controle da natalidade foi fundamental para se pensar o sexo de forma autônoma.¹⁵

Cabe destacar que a sexologia no século XIX foi uma grande novidade principalmente porque o sexo deixava de estar relacionado somente com a questão da carne, tão fundamental no cristianismo e para a igreja, e se inseriu no campo da ciência. Desenvolve-se, nesse período, uma preocupação em regulamentar a vida cotidiana das pessoas, estabelecendo os limites entre normalidade e anormalidade dos comportamentos sexuais, não mais no campo da religiosidade e do esquadro do pecado, mas na esfera da ciência, da medicina e especialmente da psiquiatria. Não queremos aqui afirmar que a culpa e o pecado relacionados ao sexo tenham desaparecido, o que queremos destacar é o aparecimento da ciência como um novo discurso que deixa de situar a questão sexual somente no campo religioso ao inseri-lo em outros regimes, sendo também, e principalmente, uma questão de Estado.

Segundo Foucault a questão sexual começou a se tornar uma preocupação do Estado durante o século XIX, principalmente com o início de uma preocupação demográfica¹⁶. Ao passar para a esfera do interesse público, a mulher e a criança emergiram como principais alvos dessa preocupação. Além disso, novas áreas do conhecimento científico surgiram com o propósito de atuar sobre os corpos dos indivíduos, como a pedagogia e sua atuação sobre o corpo da criança; da medicina e a histerização do corpo da mulher; e da demografia, a fim de gerenciar a população.

Esses novos saberes reativavam antigas preocupações morais de épocas

14 Ibidem, p. 40.

15 Ibidem, p. 43 - 44.

16 FOUCAULT, M., op. Cit., p. 110.

anteriores. Não obstante, ao passarem para a esfera médica, elas foram inseridas no campo das patologias sexuais. A partir dessas mudanças, que Foucault situa entre os séculos XVIII e XIX, surgiu uma medicina específica do sexo e das patologias sexuais no século XIX, período caracterizado principalmente pela difusão da medicina sexual¹⁷.

Ao se dedicar principalmente à patologia, a sexologia do século XIX tomou distância da sexualidade dos casais - principal alvo das regulamentações da igreja - e passou a se dedicar ao estudo de outros indivíduos, como a mulher histérica e a criança masturbadora. É uma fase, sobretudo, de medicalização dos comportamentos sexuais, que se destinava a tudo que fugisse do considerado normal, como as doenças venéreas e as perversões sexuais, que necessitavam ser diagnosticadas e medicadas.

As mulheres receberam atenção especial como objeto de estudo e intervenção da primeira sexologia. No campo da normalidade estava a mulher mãe e esposa. Qualquer afastamento dessas funções era considerado indício de anormalidade. Para exemplificar tal proposição, Bozon cita o livro clássico da sexologia, “*Psychopathia Sexualis*”, publicado em 1886 por Kraft-Ebing, no qual a posição sexual normal era aquela em que a mulher estava sob o homem, na condição de indivíduo dominado. Qualquer outra posição sexual, poderia ser classificada como algum tipo de masoquismo masculino, ou ainda, homossexualidade feminina e estava, portanto, fora dos padrões de normalidade¹⁸.

Não há dúvidas que a sexualidade e o prazer feminino foram campos de estudo para a sexologia do século XIX, entretanto, o orgasmo feminino irá se tornar no século XX uma das principais questões para a sexologia moderna. A partir de meados do século XX, iniciada principalmente por Kinsey, vemos emergir o que Bozon chama de a segunda sexologia¹⁹. Essa segunda sexologia se distancia do campo das patologias sexuais e se concentra principalmente na busca pelo prazer. O sexo, que antes tinha como principal finalidade a procriação, agora tem como objetivo final o orgasmo e os estudos sexuais datados da segunda metade do século XX se caracterizam principalmente por tentarem indicar um caminho para o alcance desse prazer.

O advento da pílula anticoncepcional possibilitou a separação definitiva entre o sexo e a reprodução. Tal separação foi fundamental para a liberdade sexual feminina e para que o sexo fosse pensado sobretudo através do prazer. Liberar-se do jugo de inúmeras

17 Ibidem, p. 113.

18 BOZON, M., op. Cit., p. 42.

19 Ibidem, p. 51

gestações, além do medo causado pelos partos perigosos, foi fundamental para a autonomização da sexualidade da mulher. Somente a partir dessa divisão é que vemos surgir o que Anthony Giddens, em seu livro “A Transformação da intimidade”²⁰ chama de “sexualidade plástica”²¹, que é a sexualidade desenvolvida sem estar necessariamente vinculada à reprodução. Giddens sublinha que é a partir do desenvolvimento da sexualidade plástica que o sexo começa a se libertar do restrito âmbito familiar, ao mesmo tempo em que “liberta a sexualidade da regra do falo”, ou seja, de uma concepção sexual que parte exclusivamente de um ponto de vista masculino, questão fundamental para a emancipação sexual feminina²².

Vemos emergir, portanto, na metade do século XX, uma nova era dos sexólogos, que tem como um dos mais importantes nomes o zoólogo americano Alfred Kinsey. As investigações de Kinsey causaram um grande impacto na sociedade americana da década de 50, levando diversos outros pesquisadores a se debruçarem sobre a questão, como a dupla de pesquisadores Masters e Johnson. É interessante observar que um dos principais pontos abordados pelos pesquisadores da sexologia moderna, especialmente Kinsey, foi mostrar que comportamentos sexuais até então considerados como perversões eram praticados por grande parte da sociedade americana.

Além de relativizar determinados comportamentos, essa nova onda da sexologia diferiu-se principalmente pela sua ampla inserção na vida cotidiana do casal moderno. A ciência sexual do século XIX estava muito mais restrita aos livros médicos, sendo difundida para um público mais seletivo e especializado, como os próprios cientistas que se dedicavam à questão. No século XX os livros e relatórios oriundos das pesquisas científicas foram difundidos para um público amplo e através dos meios de comunicação de massa. Na sua tese de doutorado “Pública vida íntima”²³ a historiadora Roselane Neckel mostra como as publicações femininas dos anos 60 e 70 utilizavam os relatórios na elaboração das matérias e reportagens a fim de proporcionar para as suas leitoras guias e conhecimentos sexuais legitimados cientificamente.²⁴

Segundo a pesquisa de Tito Sena, também resultado de sua tese de

20 GIDDENS, Anthony. **A Transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

21 Ibidem, p. 37 38.

22 Ibidem, p. 10.

23 NECKEL, R., op. Cit.

24 Ibidem, p. 165.

doutoramento²⁵, as publicações resultantes das pesquisas sexuais estiveram entre as mais lidas dos Estados Unidos. Na lista de *best-sellers* publicada pela *People Magazine* e *Caderbooks*, o Relatório Kinsey masculino figurou como o 4º livro mais lido nos Estados Unidos em 1948. Em 1953 o relatório Kinsey feminino alcançou a terceira posição. As publicações dos pesquisadores Masters & Johnson e da historiadora Shere Hite também tiveram grande êxito. O livro “A resposta sexual humana” de Masters & Johnson alcançou a incrível posição de segundo livro mais lido dos Estados Unidos em 1966, e “O relatório Hite” alcançou a nona colocação em 1976²⁶.

A propagação dessas pesquisas foi importantíssima no processo de tornar o sexo uma questão central na vida do casal moderno. Além de buscar ampliar o conjunto de comportamentos sexuais, os novos estudos consistiam em verdadeiros manuais do sexo. Devemos levar em consideração que a felicidade sexual passou a ser um pré-requisito para a felicidade conjugal e essas pesquisas vieram no sentido de ajudar a ensinar a arte de amar, e sobretudo, em como estimular o orgasmo feminino.

De acordo Roselane Neckel a sexualidade passou por um processo de individualização, ligado às escolhas pessoais dos indivíduos. Um dos principais pontos levantados pela ciência sexual foi “a sexualidade como propriedade individual a ser explorada e ampliada através das modernas técnicas científicas”²⁷. Além disso, a partir das novas pesquisas comportamentos até então considerados ilícitos ou anormais foram legitimados pelo crivo da ciência e as novas investigações científicas foram apresentadas como a regra da felicidade para o casal moderno, em contraposição aos comportamentos obsoletos e aos tabus do passado.

Segundo Neckel, a questão sexual não deixou de estar relacionada com a verdade, já que o saber continuou a ser constituído através da legitimidade da ciência. O que verificamos nesse contexto é um confronto de verdades, uma antiga, obsoleta e a ser superada, e uma nova verdade, pela qual o casal moderno deveria se orientar para alcançar a felicidade. É importante que entendamos esses conceitos, principalmente porque as fontes que pretendemos trabalhar se inserem nesse contexto de produção. A publicação do “Relatório

25 SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas**. Tese Doutorado Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Centro de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

26 Ibidem, p. 6.

27 NECKEL, R., op. Cit., p. 166.

Hite”, de Shere Hite, e o livro “O sexo da mulher” do médico francês Gérard Zwang, produzem, no nosso ponto de vista, um contradiscurso nos anos 60 e 70, na medida em que propõem que a sexualidade feminina seja analisada a partir do desejo e das experiências femininas com o corpo e o sexo. Entretanto, tanto as publicações de Hite, como as de Zwang continuaram utilizando a ciência como ferramenta legitimadora para as novas verdades apresentadas.

Hite utilizou uma metodologia muito próxima de seus antecessores. Seu livro é constituído a partir da resposta de 3000 longos questionários que foram devolvidos à pesquisadora, dos 100 mil distribuídos pelo país. Hite fez uma compilação temática das respostas, ou ainda, das confissões feitas pelas mulheres que responderam o questionário. Partindo de uma demonstração literal do que essas mulheres sentiam e pensavam, Hite as coloca como a principal voz do seu livro. As confissões categorizadas pela autora através de uma metodologia apresentada no início do relatório nos mostra como a historiadora buscava apresentar uma nova verdade, pois se a grande maioria das mulheres americanas compartilhava do mesmo sentimento, só poderia se tratar do verdadeiro.

A segunda fonte que analisamos é o livro “O sexo da mulher” do médico francês Gérard Zwang, também amparado na ciência da sexualidade. A principal diferença metodológica entre o livro de Gérard Zwang das publicações dos demais sexólogos do período, principalmente dos *best-sellers*, é que o autor não faz referência a experiências ou depoimentos pessoais para construir a sua investigação. O autor se ampara principalmente na ciência médica, apresentando, por exemplo, uma descrição detalhada da fisiologia feminina. O que é importante notar aqui é que a ciência continuou a ser legitimadora do saber sexual. Além disso, é interessante observarmos o jogo de verdade no qual esse conhecimento é construído, já que esse novos discursos decorrentes da produção de Hite e Zwang se contrapunham não somente às produções que os antecederam, mas principalmente em oposição à produção discursiva que lhes é contemporânea, ao se afastar de numa visão misógina e estabelecer um olhar positivo com relação à sexualidade feminina, um olhar filógino do sexo da mulher.

1.1 O sexo em discurso: Foucault e a ciência sexual

Michel Foucault, no volume I do seu livro “História da sexualidade - a vontade de saber”, tece importantes contribuições no que se refere à história da sexualidade

contemporânea. Um dos principais pontos do livro está no questionamento da chamada “hipótese repressiva”, que se baseia em afirmar que os assuntos relacionados ao sexo ingressaram em um processo de repressão desde o século XVII. Foucault apresenta uma proposta de análise oposta a essa. Segundo o autor, o sexo nunca foi tão debatido e tão importante para uma sociedade como foi para a sociedade ocidental dos últimos três séculos.

Os defensores da hipótese repressiva, segundo Foucault, propõem que até o século XVII os assuntos relacionados à sexualidade, ao corpo ou aos atos ilícitos eram expostos de maneira mais aberta, pois não eram vigiados ou condicionados ao *status* de segredo. A partir da era vitoriana o puritanismo inundou a sociedade ocidental e assuntos como o sexo ou o corpo ingressaram no rol dos assuntos fadados ao silêncio. Nesse contexto o sexo só seria permitido quando atrelado à reprodução, tendo lugar apenas no “quarto do casal”²⁸. Dessa maneira, a conduta sexual permitida era condicionada ao silêncio, pois a repressão funcionaria como uma “condenação ao desaparecimento” e os únicos lugares possíveis de comportamentos sexuais ilícitos seriam aqueles nos quais se pudesse obter lucro, como a prostituição. Fora desses lugares o sexo estaria condicionado a “interdição, inexistência e mutismo”²⁹.

Esse pensamento aponta que a repressão sexual moderna foi iniciada no século XVII, florescendo em sintonia com o capitalismo. Segundo essa lógica, o sexo foi repreendido por não estar inserido no processo de produção e rentabilidade capitalista e os comportamentos sexuais ilícitos só teriam lugar onde fossem rentáveis³⁰. Foucault propõe uma “outra razão” a respeito da relação entre sexo e poder: é o que ele chama de “benefício do locutor”. Segundo o autor, numa sociedade onde o sexo é repreendido, o próprio ato de falar a respeito dessa repressão já configura uma transgressão, um ato de rebeldia³¹.

Não se trata de negar a teoria repressiva, senão de inseri-la no contexto dos discursos sexuais iniciado no século XVII. O autor não nega a existência da repressão sexual, entretanto, defende que não se deve ver na repressão o principal elemento da história do sexo no ocidente. Diferente de ter sido proibido, a partir do século XVI, há uma crescente “colocação do sexo no discurso”³², e é preciso problematizar tanto os discursos como os

28 FOUCAULT, M., op. Cit., p. 10.

29 Ibidem, p. 11.

30 Idem.

31 Ibidem, p. 12.

32 Ibidem, p. 17.

meios pelo qual essa discussão se propagou.

Contrariando a ideia de que desde o século XVII a sociedade burguesa tenha passado por um processo de silenciamento e de repressão sexual, Foucault afirma que embora na relação entre alguns sujeitos - como pais e filhos - o assunto sexual possa ter sido confinado ao silêncio, ou ainda, que tenha havido uma codificação, um filtro nas palavras, o assunto nunca foi tão discutido, havendo uma multiplicação do discurso.

Nesse sentido, a principal maneira pela qual o sexo passou a fazer parte das produções discursivas foi através da confissão. O autor observa que desde esse período houve um intenso estímulo, dado principalmente pela Contra Reforma, ao ato de confessar. Nas palavras do próprio autor:

“a confissão passou a ser, no Ocidente, umas das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda. (...) Confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passados e sonhos, confessa-se a infância; confessa-se as próprias doenças e misérias; expressa-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito,³³”

É a partir desse momento que o estímulo a dizer de si não somente ao outro, mas também a si mesmo passou a ser uma condição para se tornar um bom cristão³⁴. É importante ressaltar que essa colocação do sexo no discurso não é novidade no século XVII, mas a partir desse período ele adquiriu uma importância cada vez maior e os indivíduos foram cada vez mais estimulados a falar sobre sua própria sexualidade, não somente no que diz respeito a prática, mas de todos os seus pensamentos e desejos.

Os discursos sexuais formados a partir do século XVIII e XIX manifestaram-se preferencialmente na medicina, na psiquiatria e na justiça penal, se infiltrando nas relações entre casais e pais e filhos. Ainda que esse discurso visasse proteger dos perigos recorrentes do sexo, o mais importante era alarmar, tornar conhecido esses perigos, estimulando que se falasse sobre ele³⁵.

Observamos, portanto, que nenhuma sociedade foi tão estimulada e criou tantos mecanismos para falar de sexo como a sociedade ocidental. Cabe ressaltar também que mais que um discurso, formou-se uma pluralidade discursiva, envolvendo diversos campos dos

33 Ibidem, p. 56.

34 Ibidem, p. 23.

35 Ibidem, p. 33.

saberes. A questão, portanto, não é o silêncio em torno do sexo, mas falar a respeito dele em segredo. Além disso, essa multiplicação das produções discursivas inseriu o sexo num contexto de produção de verdades, verdades estas que deveriam ser extraídas principalmente através da confissão de cada indivíduo. É importante ressaltar que a confissão se dá dentro de uma relação de poder entre aquele que confessa e aquele a quem se confessa, que além de ouvir, pode analisar, julgar, e se necessário, tratar.

Ainda que a confissão tenha continuado sendo a principal maneira de se produzir a verdade sobre o sexo, ela passou por alterações importantes no decorrer do século XIX. Não somente o ato, mas os prazeres e desejos sexuais, mesmo os mais íntimos e ocultos passaram a ser objetos da confissão e toda a pluralidade discursiva advinda das confissões foi assimilada pela ciência, como objeto de estudo e de classificação.

A adaptação da confissão religiosa para o discurso científico não se deu sem dificuldades e alguns métodos foram utilizados com esse objetivo, principalmente devido à ideia de que o sexo poderia ter verdades ocultas, talvez prejudiciais e que escapavam à consciência da própria pessoa. Daí a necessidade de um especialista que conseguisse extrair essas verdades, interpretá-las e se encontrado algum desvio, medicado e curado. A sociedade que se desenvolveu a partir do século XVIII não somente buscou produzir uma verdade a respeito do sexo, como o colocou sob uma constante vigilância e, segundo Foucault, umas das principais transformações ocorridas para a formação desse quadro foi a progressiva aproximação entre o dispositivo da sexualidade e o dispositivo da aliança, já que a família se constituiu como o lugar onde essa mudança ocorreu. A sexualidade sempre esteve à margem no dispositivo de aliança, mas durante o século XIX ela foi se tornando cada vez mais central dentro da aliança familiar³⁶.

A partir do momento que a família se tornou o principal lugar do dispositivo da sexualidade vemos surgir novas personagens, como a mulher frígida, o marido impotente, a criança precoce e o jovem homossexual que não cumpre a função que lhe cabe no âmbito familiar³⁷. Diante desses problemas, coube à família buscar todo o tipo de ajuda necessária para superar essas dificuldades sexuais, fosse com os médicos especialistas, com os psiquiatras ou mesmo os líderes religiosos. É importante ressaltar que a cura para todas as mazelas que surgem a partir do sexo só pode acontecer a partir da confissão. Para que a

36 Ibidem, p. 103.

37 Ibidem, p. 99-100.

família burguesa do século XIX permanecesse sadia foi preciso que ela expusesse os mais íntimos segredos individuais e familiares.

É interessante observarmos que assim como afirma Foucault, a história da sexualidade no século XIX - e acreditamos que essa afirmação possa ser estendida para o século XX - é sobretudo uma história dos discursos. Entretanto, ainda fazendo referência aos conceitos apresentados pelo autor, não devemos entender esses discursos numa grade que oponha dominantes e dominados. Assim como os discursos, os silêncios não estão diretamente submetidos ou opostos às relações de poder. É preciso entendê-los dentro de um jogo no qual são “ao mesmo tempo instrumento e efeito do poder e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta³⁸”. Trata-se de múltiplas produções discursivas, engendrando distintas estratégias nas relações de poder, que buscam, principalmente através da confissão, apresentar a verdade do sexo.

Recorrendo ao estudo de Tito Sena, observamos que durante o século XX os relatórios produzidos pelos sexólogos constituíram a principal produção discursiva sobre o sexo. Essas publicações, na medida em que se tornaram de fácil acesso ao público, permitiam a realização do auto- exame no tocante à sua própria normalidade.

Outro aspecto a ser levado em consideração é que na medida em que as publicações de Shere Hite e Gérard Zwang produziram um contradiscurso, eles ingressam no jogo das produções discursivas objetivando apresentar uma nova verdade, numa estratégia que visava inserir a mulher como protagonista do seu próprio prazer. Além disso, os autores buscaram estabelecer novos limites para o normal, já que o conceito de normalidade continuou presente em todas as investigações que analisamos.

Nos relatórios produzidos por Hite os depoimentos estão inseridos tal qual foram produzidos e neles observamos com clareza os questionamentos a respeito da própria normalidade e o impacto dessas produções discursivas sobre as mulheres americanas. Por meio dessas publicações a sociedade de meados do século XX pôde avaliar e se tranquilizar ao ler que a verdade do sexo produzida por determinado discurso a amparava e a inseria dentro dos limites do normal, ou ainda, quais deveriam ser os procedimentos para, caso necessário, se tratar e sair da anormalidade.

38 Ibidem, p. 96.

1.2 A sexualidade estatística e os relatórios dos anos 1940-70

A história da sexologia do século XX é marcada principalmente pelas publicações de Kinsey, Masters e Johnson e Shere Hite³⁹. Os quatro pesquisadores mencionados tinham vários traços em comum. Todos eles figuraram entre os mais lidos nos Estados Unidos e fizeram sucesso em todo o mundo, tornando-se as principais referências no que tange à produção científica sexual do século. Além disso, os quatro autores acima mencionados, sendo Alfred Kinsey o grande pioneiro, fundaram uma nova maneira de analisar o sexo, sobretudo sob uma lógica do prazer.

Não obstante, a principal característica compartilhada pelos pesquisadores do período foi o uso da metodologia baseada nos números e na maior quantidade possível de amostragem, visando a utilização da estatística como meio de legitimação científica, lançando mão de inúmeros gráficos, dados numéricos e estatísticas. Além disso, os autores basearam as suas pesquisas em depoimentos pessoais. Kinsey utilizou a entrevista como metodologia de pesquisa, Masters e Johnson utilizaram além de entrevistas, a observação direta dos pacientes internados nas suas clínicas, e Shere Hite utilizou questionários anônimos distribuídos por todo o país.

Os relatórios produzidos por Alfred Kinsey tiveram um grande destaque principalmente pelo pioneirismo em trabalhar com um grande número de pessoas. No final de suas pesquisas Kinsey havia alcançado a incrível marca de aproximadamente 17 mil entrevistados. Masters e Johnson se destacaram principalmente pelo uso da prática clínica, pois as pessoas que compuseram os seus livros, mais que colaboradores da pesquisa, eram pacientes. Além disso, os pesquisadores realizavam o tratamento apenas com casais. Já Shere Hite se destacou principalmente pela sua postura feminista, pela ênfase em defender a sensibilidade orgásmica do clitóris, e por propor uma nova lógica para as relações sexuais.

Os relatórios tiveram uma grande repercussão, não somente nos Estados Unidos, mas

³⁹ As principais obras de Kinsey foram “Sexual Behavior in the Human Male”, publicado em 1948 e sem tradução para o português, e “Sexual Behavior in the Human Female”, publicado em 1953 e traduzido no Brasil como “A Conduta Sexual da Mulher”. As obras de maior sucesso de Masters e Johnson foram “A Resposta Sexual Humana”, publicado em 1966 e “A Inadequação Sexual Humana”, publicado em 1970, e as publicações de Shere Hite foram “O Relatório Hite: Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina” e “O Relatório Hite sobre a sexualidade masculina”, publicados, respectivamente, em 1976 e 1981.

em todo o mundo, já que foram traduzidos para diversos idiomas⁴⁰. Além de estimular o debate entre os próprios pares, elevando o número de pesquisas na área, os relatórios também levaram o grande público a discutir de maneira mais aberta a própria sexualidade. Os principais temas das discussões e dos debates eram advindos das descobertas científicas feitas pelos pesquisadores-autores. As descobertas de Kinsey anunciando que uma grande porcentagem de americanas tiveram relações sexuais extraconjugais ou relações homossexuais, causaram a fúria nos setores mais conservadores, mas incentivaram o debate e conduziram as pessoas ao processo de avaliação da própria sexualidade.

O interesse de Alfred Kinsey pela sexologia veio após um convite para ministrar uma palestra sobre casamento e o comportamento sexual humano. Formado em biologia pela Universidade de Harvard e professor de Zoologia, especialista em insetos, Kinsey, ao preparar a sua palestra, atentou para a falta de credibilidade e bases científicas das pesquisas existentes, fundamentadas sobretudo em senso comum e decidiu, portanto, iniciar uma pesquisa que tivesse uma grande amostragem estatística.⁴¹

Segundo dados analisados por Tito Sena, as pesquisas foram iniciadas em 1938 e o pesquisador chegou a entrevistar 16.392 pessoas. Desse número, 11.240 entrevistas foram utilizadas para a produção do livro, sendo 5.940 mulheres e 5.300 homens. As entrevistas duravam entre uma e duas horas e eram compostas de 300 a 500 perguntas, a depender das respostas dos entrevistados.

O primeiro livro “Sexual Behavior in the Human Male” foi publicado em 1948, e o segundo livro “Sexual Behavior in the Human Female” em 1953. É interessante salientar a importância dada pelo autor para a legitimação científica de sua pesquisa, já que o mesmo dedicou as primeiras 150 páginas do livro sobre os homens e 115 do livro sobre as mulheres para apresentar informações referentes às entrevistas, amostragem e demais dados metodológicos.

Uma das principais justificativas de Kinsey para o desenvolvimento de sua pesquisa foi o desajuste sexual dos casais, responsável por uma grande insatisfação conjugal. Neckel acredita que tal justificativa pode ter sido utilizada principalmente para a manutenção do financiamento da pesquisa, já que dessa maneira Kinsey pôde estudar a sexualidade humana

40 Dentre os livros dos pesquisadores acima mencionados, o único que não chegou a ser traduzido para o português e publicado no Brasil foi o livro de Kinsey sobre a sexualidade masculina “Sexual Behavior in the Human Male”, publicado em 1948.

41 SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey: Práticas sexuais, estatísticas e processos de normali(ti)zação** in Fazendo Gênero nº 09. “Diásporas, diversidades, deslocamentos”. 23 a 26 de agosto de 2010.

sem atrelá-la à reprodução e continuar tendo as pesquisas financiadas.

Entretanto, ao nos aproximarmos das discussões apresentadas por Sena, observamos que um dos principais objetivos da pesquisa era apontar que o comportamento sexual humano é diverso e envolve inúmeras práticas, principalmente no sentido de combater a patologização ou mesmo, a criminalização dos comportamentos, como observamos no seu livro sobre a conduta sexual masculina:

“Con frecuencia es importante saber hasta qué punto la sexualidad de un sujeto se desvía de las normas del grupo en el seno del cual se há educado o vive (...) Muchas personas que sufren a causa de ciertos aspectos de su vida sexual, pueden aliviarse fácilmente cuando conocen la del resto de la población y conproban que ésta no se diferencia fundamentalmente de la própia.”⁴²

Dessa maneira, com base nos apontamentos de Tito Sena, acreditamos que um dos objetivos primordiais de Kinsey foi mostrar que a maioria dos comportamentos sexuais taxados como perversão, na verdade eram praticados pela maioria dos americanos brancos. Kinsey combatia tanto a patologização como a criminalização. Na década de 40 o sexo entre homossexuais era proibido em todo os Estados Unidos e no mesmo período cerca de 70% dos Estados americanos consideravam ilícito o sexo praticado entre menores de 18 anos.

Ao mostrar que condutas consideradas patológicas ou imorais eram praticadas por indivíduos considerados sexualmente saudáveis, Kinsey sanciona práticas até então consideradas anormais, como a masturbação, praticada por 92% dos homens entrevistados e por 62% das mulheres, ou o sexo extraconjugal, feito por 50% dos homens e 26 % das mulheres. Nesse sentido é interessante como os dados utilizados por Kinsey, com base naquela amostragem específica de homens e mulheres americanos e brancos, vão se tornar verdades produzidas historicamente, e adaptadas a outras realidades, tal como aponta Roselane Neckel.

Ao estudar revistas e manuais sexuais produzidos no Brasil, Neckel aponta como os estudos de Kinsey foram utilizados como verdades científicas, como no caso do Guia “A arte de amar” de Maria Helena Matarazzo. Neste guia, a autora incentiva as suas leitoras a praticarem sexo oral em seus parceiros, já que “com base no maior estudo feito até hoje sobre a sexualidade humana”, em referência à pesquisa de Kinsey, metade dos casais americanos fazem sexo oral⁴³. Se 50% dos casais americanos realizam a prática, logo não pode se tratar uma perversão. Nesse exemplo, podemos observar como se dá o embate entre uma verdade

42 KINSEY, Apud SENA, 2010, p. 4.

43 NECKEL, R., op. Cit., p. 172.

ultrapassada e a ser combatida, e uma nova, legítima para o casal moderno.

É interessante pontuarmos que não devemos analisar tanto o conteúdo direto dos relatórios como as reportagens que se justificaram a partir deles, como uma verdade dada, pronta para ser assimilada e absorvida de maneira passiva por aqueles que a leem. Trata-se, sobretudo, de uma via de mão dupla entre o conhecimento produzido, e como esse mesmo conhecimento é assimilado, debatido e intensificado.

Entre os efeitos do estudo desenvolvido por Alfred Kinsey, um dos mais evidentes foi a intensificação de estudos e publicações relativas à sexualidade do casal moderno. Entre essas novas investigações, a realizada pelos pesquisadores Masters & Johnson, sem dúvida, figurou entre as mais importantes. Masters era médico ginecologista e Johnson era psicóloga. Juntos criaram a fundação de Pesquisas em Biologia da Reprodução, em Saint Louis, EUA.

Os dois pesquisadores tiveram um grande sucesso não somente nos Estados Unidos, mas em diversos outros países, principalmente porque se preocupavam com os problemas sexuais do casal. As pesquisas foram desenvolvidas com voluntários e se baseavam principalmente em observar as respostas fisiológicas e psicológicas dos parceiros durante as atividades sexuais. A principal descoberta científica dos pesquisadores, segundo Sena, foi identificar quatro ciclos para a resposta sexual humana masculina e feminina, sendo a primeira a *fase de excitação*, a segunda a *fase platô*, a terceira a *fase do orgasmo*, e a quarta e última a *fase final ou da resolução*⁴⁴.

Como base nas investigações de Neckel, podemos observar que para Masters e Johnson o sexo é um grande problema para o casal moderno e também responsável por inúmeros desacordos domésticos e separações⁴⁵. Nesse sentido, o sexólogo moderno aparece como o especialista capaz de curar os desajustes sexuais e, em consequência, salvar o casamento. A terapia de casal surge como um grande remédio para o divórcio.

Masters e Johnson propunham uma metodologia baseada principalmente numa aproximação do casal, pautada por uma predisposição para o diálogo e pela mudança de ambas as partes. Outro interessante dado apresentado por Tito Sena aponta que mesmo sendo o marido e a mulher os submetidos ao tratamento, quando um casal apresenta uma disfunção sexual o verdadeiro paciente é a relação conjugal.⁴⁶ Para os pesquisadores o novo casal

44 SENA, T., 2007, op. Cit. p. 206.

45 NECKEL, R., op. Cit., p.181.

46 SENA, Tito. **Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70.** Rev. Estud. Fem. vol.18 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2010.

deveria ter toda a existência compartilhada, baseada em uma intensa ligação emocional. Nesse sentido, o ajuste sexual do casal se tornou o ponto de equilíbrio para a plena satisfação conjugal.

As publicações de Alfred Kinsey e de Masters e Johnson figuram entre as principais publicações da sexologia moderna. Não se trata de afirmar que as publicações de Masters e Johnson só foram possíveis em decorrência das pesquisas de Kinsey, e que “O relatório Hite” só pôde ser produzido a partir dessas pesquisas que o antecederam. Entretanto, não há dúvida que essas pesquisas marcaram época, influenciaram e foram amplamente referenciadas em todos os estudos da sexologia do século XX. Inseridos nesse contexto de produção e relacionados principalmente às publicações acima citadas, Hite e Zwang buscaram apresentar uma nova perspectiva de análise, propondo uma outra abordagem quanto à sexologia feminina, principalmente por defenderem que o sexo da mulher não podia ser pensado a partir do sexo do homem, tendo uma configuração própria que precisava ser entendida.

2. A SEXUALIDADE DO CASAL MODERNO

A sexualidade do casal se tornou um dos principais temas da ciência sexual a partir da segunda metade do século XX. Todavia, essa centralidade não se deu por acaso. A partir da década de 60 o casamento deveria ser o espaço onde os indivíduos teriam suas necessidades de ordem sentimental e sexual atendidas. Ao homem e à mulher do século XX uma aliança com a divisão de responsabilidades e cuidado com os filhos deixou de ser suficiente para a manutenção do vínculo conjugal e a satisfação sexual, medida sobretudo através do orgasmo, se tornou o termômetro de compatibilidade e felicidade conjugal. Não obstante, a importância que o sexo assumiu na vida do casal veio carregada de imposições, principalmente para as mulheres, pois elas se tornaram as grandes responsáveis pela satisfação sexual do casal.

Apesar das imposições sexuais sofridas pelas mulheres, os anos 60 também testemunharam o ressurgimento do movimento feminista no mundo todo. As frentes da segunda onda do feminismo se pautou principalmente na defesa das liberdades sexuais e na autonomia das mulheres no que diz respeito ao seu corpo e prazer. Dessa maneira, esse capítulo se destina a compreender o contexto histórico dos anos 60 e 70 e como o sexo se tornou tão importante na vida conjugal, mas também entender os limites de uma liberdade ainda muito marcada por contradições pois as mulheres continuaram a viver situações de opressão e de dependência.

2.1 O sexo e a felicidade conjugal

O casamento passou por profundas transformações durante os séculos XIX e XX. Iniciado no século XIX e aprofundado principalmente a partir da segunda metade do século XX, o amor e a sexualidade se tornaram os principais critérios não somente para a formação, mas também para a durabilidade do vínculo conjugal. Ademais, a partir da segunda metade do século XX, o divórcio apareceu como uma possibilidade legal e a questão sexual se tornou proeminente, pois era ao mesmo tempo a principal causa das separações e a solução para os conflitos. Dessa maneira, seria a partir do ajuste sexual dos casais que a família tradicional poderia sobreviver. Nesse sentido, a vida sexual se tornou um termômetro, capaz de medir não somente a saúde, mas a durabilidade da relação. Se a vida sexual era satisfatória, significava que o casal provavelmente estava bem em todas as demais esferas, contudo, se a vida sexual

não era capaz de satisfazer os cônjuges, esse seria um sério sintoma de problemas na relação.

Como já apresentado no capítulo anterior, é nesse contexto que surge a figura do especialista, principalmente através da terapia de casal, capaz de ajudar a curar os desajustes sexuais e salvar o casamento. Além disso, é importante destacar que a qualidade sexual passou a ser medida sobretudo através do orgasmo, que se tornou a grande finalidade do sexo, secundarizando todos os traços subjetivos que envolvem uma relação⁴⁷.

Todavia, a importância da vida sexual não é a-histórica, constituinte da natureza humana, pois se trata de uma construção sócio-cultural. Segundo Bozon, o casamento por amor começou a se formar durante o século XIX, mas se consolidou principalmente no século XX, quando deixou de ser um contrato entre as famílias e se formou a partir da escolha individual dos cônjuges com a formulação da máxima “juntos por amor”⁴⁸. Nesse sentido, o casamento passou da institucionalidade do passado a uma nova concepção, baseada principalmente em fatores subjetivos que definem as escolhas do casal.

Purificación Barcia Gomes, ao analisar a estrutura e funcionamento do casamento contemporâneo, afirma que ele é formado por diversos elementos, alguns mais antigos, praticamente imperceptíveis, e outros mais fáceis de serem visualizados. Segundo a autora, os principais elementos presentes no casamento moderno são a lei de alianças, elemento mais antigo e difícil de ser visualizado, o amor conjugal e a sexualidade⁴⁹.

Ainda que seja mais difícil identificarmos as características da lei de alianças nos casamentos contemporâneos, já que dificilmente o casamento é considerado como uma aliança entre clãs e famílias, ou com uma troca de bens, tais traços se tornam evidentes quando há uma crise entre o casal. É no momento do distanciamento, da divisão de bens, das dificuldades por não mais fazer parte da família do outro que é possível observar com maior clareza como a lei de alianças está presente nos matrimônios modernos.

No que tange ao amor conjugal, ele é um elemento novo principalmente porque passa a ser o principal critério para o estabelecimento do vínculo matrimonial. No casamento arranjado pelas famílias o amor não era essencial, não era o critério de escolha. Se tratava principalmente de uma aliança entre as famílias envolvidas, já que o casamento era assunto sério demais para as loucuras do amor. O sentimento entre os recém-casados poderia até ser

47 NECKEL, R., op. Cit., p. 159.

48 BOZON, M., op. Cit., p. 31.

49 GOMES, Purificación Barcia. Separação contingência do casamento? In. PORCHAT, Ieda. (Org.). **Amor, casamento, separação** – A falência de um mito. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992, p. 127.

incentivado, entretanto, o principal fio condutor desse sentimento deveria ser a temperança, principalmente por parte dos homens em posição de comando, como afirma Gomes: “Paixão, desvario por parte do homem eram vistos como sinal de despreparo para comando em níveis públicos”⁵⁰ e era preciso evitar os excessos sentimentais, visto como um sinal de debilidade.

Ao longo dos séculos XIX e XX, mas com raízes tão profundas que Barcia Gomes identifica desde o século II no Império Romano, o amor entre os cônjuges, a possibilidade de amar e de ser amado, desejar e ser desejado, vai se tornando a essência e a justificativa do casamento. “Fomos, ao longo dos séculos, historicamente constituídos para desejar o desejo (...) queremos amar o parceiro e ser amados por ele, queremos escolhê-lo pelo critério do amor, queremos manter-nos 'desejantes' e desejados ao longo do convívio.”⁵¹

Além disso, o casamento foi se constituindo como o lugar por excelência aonde os indivíduos depositam toda as suas expectativas afetivas. A partir de uma construção sócio-histórica, é através do amor conjugal, tanto por um viés romântico como erótico, que são depositados todos os anseios e necessidades sentimentais. “Fomos forjados, histórico-socialmente, para viver o casamento como uma experiência amorosa, ou melhor, o casamento seria o *locus* privilegiado para a realização afetiva dos indivíduos.”⁵²

De acordo com Barcia Gomes, além da lei de alianças e do amor conjugal, a partir da segunda metade do século XX a sexualidade se constitui como uma nova força no casamento. Se até a primeira metade do século ter uma vida sexual plena e feliz era apenas um desejo, a partir dos anos 60 se torna uma necessidade e uma exigência. É preciso mais que amor e laços afetivos para que um casamento seja feliz, é preciso desejar e ser desejado sexualmente pelo companheiro.

O amor conjugal, criação que vem desde os primeiros séculos da nossa era, vai agora realizar-se não somente por meio do companheirismo, dos cuidados mútuos, da reciprocidade dos cônjuges, mas também, e principalmente, através do prazer dos corpos.⁵³

Para além do desejo amoroso, ele se torna sobretudo um desejo amoroso sexual. Nesse contexto, observamos que o amor e o sexo se tornam essenciais na vida do casal, mas para além disso, eles se mesclam, se confundem. Da mesma maneira que se torna intolerável abrir mão de uma vida sexual em prol da família, também se questiona a veracidade do amor que

50 Ibidem, p. 128.

51 Ibidem, p. 129.

52 Idem.

53 Ibidem, p. 131.

não é capaz de suprir os desejos. Ao analisarmos a obra de Zwang, observamos que o autor critica ferozmente o homem que não se dedica sexualmente à sua mulher, que se contenta com um sexo frio, sem proporcionar o prazer de sua parceira. Esse ato egoísta de amor é criticado pelo médico da mesma maneira que o é o amor romântico assexuado, presente nas novelas e romances, nos quais se condena o amor físico, pois o verdadeiro cavalheiro se interessaria somente pela alma, e não pelas vulgaridades e impurezas do físico⁵⁴. Para Zwang, o amor verdadeiro é também sexual e desejante, e amar uma mulher envolve o desejo e a dedicação a ela para proporcionar sua satisfação sexual.

Ademais, a questão sexual se modificou e adquiriu novas dimensões. Segundo o sociólogo Bozon, se antes o casamento era um pré-requisito para a relação sexual, a partir da segunda metade do século XX o sexo é que se tornou um pré – requisito para o casamento⁵⁵. Nas relações matrimoniais contemporâneas o sexo não somente deixou de ser restrito ao universo do casamento, como passou a ser fator fundamental para se casar e manter o casamento: “Da instituição matrimonial que dava direito à atividade sexual, passou-se à troca sexual, motor interno da conjugalidade”⁵⁶.

Ao estudar a sociedade francesa das décadas 60 e 70, Bozon diz que o sexo passou por uma importante transformação. Antes o sexo era praticado já dentro do casamento, senão pelo menos quando já havia um vínculo estabelecido e o casal estava em vias de casar-se, sendo o último passo dentro do relacionamento. A partir dos anos 70 esse cenário se alterou e os casais passaram a ter relações sexuais cada vez mais cedo. O que nos interessa observar aqui é que quando a prática do sexo foi antecipada, a sua importância dentro do relacionamento também mudou. Ele passou a ser um dos primeiros testes para com o futuro parceiro, uma primeira prova que o casal seria capaz de se satisfazer sexualmente.

O século XX vai experimentar também uma libertação no que diz respeito aos carinhos e carícias. O que antes era reservado às prostitutas e às mulheres de má fama se tornou prática comum nos relacionamentos sexo-afetivos. Um exemplo interessante é o beijo na boca, considerado crime de atentado ao pudor na França até 1881, passou a ser, a partir de 1920, símbolo maior da paixão amorosa⁵⁷. Outro exemplo da liberação dos costumes é a masturbação, considerada um vício perigoso e passível de tratamento, vai se retirando da

54 ZWANG, G., op. Cit. p. 150.

55 BOZON, M., op. Cit., p. 50.

56 Ibidem, p. 49.

57 SOHN, Anne-Marie. O Corpo Sexuado. In COURTINE, Jean-Jacques. (Direção) **História do Corpo: As mutações do Olhar. O século XX.** 2ª Edição – Petrópolis, RJ: Vizes, 2008, p. 134.

esfera dos assuntos proibidos e durante a década de 1970 passou inclusive a ser recomendada por alguns sexólogos, que a viam como um aprendizado saudável, e até mesmo como um caminho obrigatório para atingir o orgasmo⁵⁸. Além disso, os carinhos orais também se popularizam e até mesmo as moças “direitas” se não o praticam ativamente, se deixam ser acariciadas dessa maneira. Segundo Sohn, 75% das mulheres nascidas entre 1922 e 1936 na França tiveram alguma experiência sexual oral, e para as mulheres nascidas entre 1958 e 1967 esse número aumenta para 90%⁵⁹.

O que notamos é uma diminuição da censura quanto às práticas realizadas pelo casal objetivando alcançar o prazer e o orgasmo. É o início do “entre quatro paredes vale tudo”, diminuíram as regulamentações e a vigilância sobre o que o casal faz quando está sozinho, desde que seja consentido por ambas as partes. Há um crescente estímulo para que os casais realizem suas fantasias e diversifiquem os seus comportamentos sem ficar preso aos tabus do passado. Trata-se de um aumento não somente na intensidade mas na diversidade das práticas, como por exemplo, o incentivo ao sexo oral.

Como já observado, a atividade sexual se tornou uma das principais funções do casal. Numa visão mais convencional e tradicional, a principal função do casamento era ter filhos, tanto é que não raro um casal, após ter tido filhos, continuava vivendo junto sem ter relações sexuais. Durante os anos 70 essa percepção se alterou, e como o sexo se tornou a grande finalidade da relação, não ter filhos passou a ser uma opção para diversos casais, mas a atividade sexual se tornou fundamental para a saúde de um relacionamento: “A ausência de relações sexuais entre os cônjuges é, portanto, o indício de uma dificuldade ou de um problema conjugal que pode levar à separação. Quer existam filhos, quer não, a inatividade sexual põe em perigo a estabilidade da construção conjugal.”⁶⁰.

Um dos principais pontos a ser destacado aqui é que a partir desse momento, o sexo se tornou de tal maneira central na vida dos homens e das mulheres que se tornou uma prioridade sobre o casamento e a família. O perigo do divórcio passou a ser latente, já que um casal não realizado sexualmente não teria muito futuro. Tudo o que antes era prioritário, como o casamento e o cuidado com os filhos, constitui-se como secundário. A insatisfação sexual se tornou mais que um motivo para a separação conjugal, passou a ser uma necessidade. Sacrificar a vida sexual em nome da família e do casamento, passou a ser visto

58 Idem.

59 Ibidem, p. 135.

60 BOZON, M., op. Cit., p. 50.

como algo “doentio” “neurótico” e “indigno”⁶¹.

Shere Hite e Gérard Zwang integram a ampla discussão em torno da questão sexual cotidiana, do casal comum, que se tornou o principal alvo de estudos e discussão que marcou principalmente os anos 60 e 70. Todavia, procuramos destacar durante nosso trabalho que os autores que estudamos são vozes dissonantes nesse processo. Sem dúvida, a questão do prazer sexual continuou sendo importante para estes dois autores, entretanto, Zwang e Hite, de maneira peculiar e diferentes entre si, não vão somente dizer que o sexo é necessário no casamento, os autores superam esse discurso ao defender o exercício prazeroso da sexualidade feminina independente de estar ou não confinado à conjugalidade.

No decorrer de seu livro Hite defende a importância da satisfação sexual para as mulheres, simbolizada sobretudo pelo orgasmo. Segundo a autora, ainda que o orgasmo não seja uma obrigação, o fato da maioria das mulheres que responderam ao seu questionário afirmar que não conseguia ter orgasmo simbolizava que algo estava errado com o modelo de relacionamento sexual conduzido pelos casais. O livro de Hite não é uma compilação aleatória dos depoimentos de suas entrevistas. Ainda que a autora tenha procurado dar voz às mulheres que responderam ao questionário, sendo elas o grande destaque do livro, Hite as cataloga de maneira a enfatizar a insatisfação sexual coletiva das mulheres americanas. Seu objetivo com este livro é que as mulheres se empoderem do próprio corpo e prazer e que elas não abram mão de uma vida sexual feliz.

Hite impulsiona as suas leitoras a se apoderarem do próprio corpo e do próprio prazer, e não esperar que o homem o faça ou mesmo que diga a maneira certa de fazê-lo. A autora incentiva descobrir por si só:

O tabu contra tocar-se diz, essencialmente que você não deveria usar seu próprio corpo para o seu próprio prazer. Mas temos direito aos nossos próprios corpos. Controlar a própria excitação simboliza a posse do próprio corpo. Um passo muito importante em direção à liberdade⁶²

Nesse sentido, Hite mais que incentivou, ela orientou as suas leitoras a explorarem seu próprio corpo e a descobrirem sobre si; “Não desista! Muitas mulheres aprenderam a gozar depois de anos e nunca é tarde demais para descobrir que isso funciona para você.”⁶³ Além disso, a autora propõe que as relações sexuais sejam repensadas, porque o modelo exercido

61 GOMES, P. B., op. Cit., p. 132.

62 HITE, Shere. op. Cit., p. 266.

63 Ibidem, p. 149.

pela maioria dos casais conduz as mulheres a um estado de desilusão.

Todavia, à diferença de Hite, Gérard Zwang defende principalmente o equilíbrio entre o homem e a mulher. O autor incentiva a descoberta solitária da sexualidade na infância e na puberdade, mas é categórico em defender que na idade adulta a masturbação não passa de um substituto mediano para o ato a dois. O autor não diz que a sexualidade feminina seja algo simples, pelo contrário, é preciso um amante dedicado, que insista cotidianamente em aprender sobre a mulher que ama. A devoção às mulheres expressada durante todo o livro por Zwang, é revertida numa crítica bastante feroz aos homens que não se preocupam com suas companheiras, relegando-as a uma vida sexual insatisfatória, preocupando-se exclusivamente com o próprio prazer. Zwang defende o casal heterossexual, e credita principalmente ao homem a responsabilidade pelo prazer da mulher. Cabe ao amante elogiar sua mulher, fazer com que ela se sinta bela e desejada, e é ele quem deve estimulá-la. Para o autor, o homem que ama a sua mulher preocupa-se mais com o orgasmo da amada que com o próprio e a natureza concedera seu orgasmo de maneira natural, “concedido como uma dádiva, como a coroação de sua devoção.⁶⁴”.

Ainda que Hite e Zwang não falem especificamente da esfera do casamento, observamos que a principal questão envolvida é que durante os anos 60 e 70 a insatisfação sexual e a busca intensa pela cura dos desajustes se tornou o grande tema da vida a dois. Todavia, trata-se de um período bastante conturbado, já que as novas liberdades e direitos vieram acompanhados de novas obrigações. Ao se tornar central para o casal, o sexo passou de um prazer a uma imposição, e coube principalmente às mulheres a culpa e a responsabilidade de encontrar uma solução para os desajustes.

2.2 Uma via de mão dupla: direitos ou imposições?

Os anos 60 e 70 são marcados por profundas transformações na ordem social e familiar. Como já discutido na primeira parte desse capítulo, a família tradicional e os comportamentos sexuais foram ressignificados. Os movimentos libertários que marcaram os anos 60 nos Estados Unidos e na Europa foram parte constituinte desse processo e colaboraram com o questionamento do modelo tradicional de família e das restrições sexuais

64 ZWANG,G. op. Cit., p. 188.

restritas à esfera do casamento. Todavia, ainda que esse período seja reconhecido por se tratar de um contexto bastante libertário, é preciso nos atentarmos que se trata de um período conturbado, em um constante embate entre as novas ideias, símbolos da modernidade, e a tradição, ainda fortemente presente.

Uma das características mais marcantes desse contexto histórico foi um constante conflito de discursos e ideias, principalmente no que diz respeito ao papel da mulher nesse momento de transição. O mundo dos anos 60 e 70 é sobretudo um período de grandes transformações no que tange aos comportamentos sexuais e na forma dos relacionamentos. Há um constante choque entre as novas liberdades, apresentadas pelas revistas, relatórios científicos, e as demandas do movimento feminista, e modelos conservadores ainda resistentes.

Se nas publicações dos anos 1940 e 1950 as revistas femininas ainda publicavam a renúncia à felicidade pessoal em nome da família, nos anos 60 e 70 o tradicional modelo de casamento passou a ser questionado. O ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a possibilidade do divórcio, bem como a influência produzida pela segunda onda do movimento feminista fez que essas mulheres passassem a pensar a respeito de uma nova fórmula de casamento e de vida. “Estas mulheres foram responsáveis por introduzir problemáticas fundamentais para a reflexão sobre a condição da mulher”⁶⁵ questionando o tradicional papel de mãe e esposa.

Dessa maneira, segundo a historiadora Roselane Neckel, esse período foi marcado pela produção de verdades sexuais bastante ambíguas. Ao mesmo tempo em que há uma maior liberdade sexual, as revistas femininas continuam privilegiando o prazer masculino, principalmente na necessidade de agradar o marido. Além disso, se por um lado a família tradicional começa a sofrer abalos e a vida sexual deixa de estar restrita a esse espaço, por outro, grupos conservadores lamentam pelo fim da família e pela desordem do mundo, culpando os movimentos libertários e o feminismo pela decadência e a desordem social. Outra constante questão em conflito é a questão da liberdade sexual feminina, que de liberdade se torna obrigação, pois as mulheres passam a ser bombardeadas com a informação de que precisam ter uma vida sexual plena, que mais que um direito, se torna uma obrigação, uma imposição de felicidade. E ainda, se há o constante estímulo à liberdade sexual e uma condenação à mulher fria, as mulheres continuam tendo a sua sexualidade vigiada.

65 NECKEL, op. Cit., p. 60.

Se por um lado houve a exaltação do sexo sobre todas as outras coisas, por outro a mulher passou a ser responsável pela satisfação sexual do casal. Ao estudar as revistas femininas, Neckel observa que houve uma constante pressão para que as mulheres seduzissem, tratando-se sobretudo de como agradar o marido ou o amante. Segundo a historiadora: “as revistas insistiam em que ‘manter o seu homem’ era a conquista mais importante na vida dessas mulheres.”⁶⁶ Dessa maneira, as mulheres que sempre foram as responsáveis pelos afazeres domésticos, pelo cuidado com o marido e com os filhos, passaram a ser responsáveis também pela plena satisfação sexual do marido, pois era preciso agradá-lo para não perdê-lo.

Há um constante contraste entre a apresentação da nova mulher moderna, e de uma posição ainda atrelada a seu papel de mãe e esposa. Esse contraste de opiniões é mostrado nas revistas estudadas por Neckel na medida em que elas enfatizam a importância do prazer sexual feminino, mas também defendem que as mulheres façam determinados sacrifícios pelo marido e o casamento. Ao afirmar que “os homens(...) detestam a frigidez feminina”, e aconselhar as mulheres a nunca mostrarem-se frias ou resistentes ao sexo quando o marido as acariciarem, as reportagens priorizam os desejos e anseios masculinos, independente da vontade da mulher, que não deve frustrá-lo ou entristecê-lo, negando-lhe uma vontade.⁶⁷

Uma reportagem significativa analisada pela autora faz parte da revista *EleEla*, publicada no Brasil em 1972. A reportagem intitulada “Orientações médicas para uma mulher casada”, traz uma entrevista com dr. Reuben, autor do livro *Any Woman Can*. Ao ser questionado sobre a obrigação da mulher em satisfazer o marido, o dr. Reuben afirma que a mulher só deve negar quanto tiver um “real motivo”, ignorando o desejo sexual feminino.⁶⁸

Ainda nessa fase da revolução sexual o sexo é analisado como um sacrifício necessário à mulher em benefício de algo maior: o amor e o casamento. O desejo feminino quase não é problematizado, e quando o é, é por meio do referencial masculino. Neckel aponta que a questão sexual passa a ser explorada e problematizada, mas aparece sobretudo como um problema da mulher, a ser resolvido por ela. Nas revistas destinadas ao público masculino, a autora observa que os desajustes conjugais são passados para os leitores como problemas da esfera dos sentimentalismos femininos⁶⁹.

66 *Ibidem*, p. 52.

67 *EleEla*, ano 2, n.º 19, nov. 1970. Apud Neckel, op. Cit., p. 69.

68 *Ibidem*, p. 77.

69 *Ibidem*, p. 74.

Nesse sentido, a satisfação sexual passou a ser uma exigência no casamento, entretanto, os desajustes foram creditados principalmente à mulher fria. Em oposição ao homem, naturalmente bem disposto ao sexo, eram as mulheres que deveriam se adequar para evitar o fracasso no casamento. A partir da visão em que o casamento era o lugar de intensa satisfação sexual, satisfazer o marido sexualmente passou a ser uma maneira de impedir a infidelidade, exigindo-se cada vez mais que a mulher fosse “boa de cama”. O desejo sexual feminino era explorado e incentivado, entretanto, “ser boa de cama” se tornou uma imposição e não uma escolha.

O relatório Hite surgiu justamente em oposição a essa dinâmica da vida conjugal. Ao escrever sobre a importância do orgasmo, Hite demonstra que há muitas mulheres sofrendo com a pressão de ter orgasmo, com a obrigação de tê-lo como parte constituinte da feminilidade, do ser mulher de verdade. A pressão vivida por essas mulheres permeia todo o livro, como nesses dois depoimentos: “Respondi a esse questionário na esperança de que, de alguma forma, ele possa elucidar outras mulheres, para que elas não passem pelo que passei, pensando que são 'frígidas', 'inadequadas', ou que 'têm qualquer coisa de errado'.⁷⁰” e ainda: “A Revolução Sexual me taxa de anormal se não desejo fazer com qualquer Tom, Dick, ou Jane que encontre. Sou livre apenas para dizer sim.⁷¹”.

A vida sexual satisfatória passou a ser uma imposição, bem como um indicador de feminilidade e de normalidade. Observamos que no livro as mulheres se questionam se são diferentes, do porquê de todas as outras mulheres terem orgasmos, menos elas. Ao elencar todas essas confissões, Hite procura desmistificar esses mitos e questionar o modelo sexual vigente. O que a autora quer demonstrar é que a grande maioria das mulheres americanas não está realizada quanto se acredita. E além disso, que é preciso que a sexualidade seja repensada e que as mulheres tenham o direito a não querer fazer sexo. Nesse sentido, observamos que “O relatório Hite”, ao mesmo tempo que contribuiu para registrar como as mulheres se sentiam quanto à Revolução Sexual, cooperou diretamente para o questionamento desse processo.

Nesse contexto de imposição da satisfação sexual, a felicidade se tornou um imperativo e a vida sexual se tornou um elemento central, onde o indivíduo que não fosse feliz sexualmente, dificilmente seria em outras áreas. “Portanto, parece certo igualmente que

70 HITE. op. Cit., p. 25.

71 Ibidem, p. 319.

hoje, quando a ‘felicidade’ é apresentada nas representações sociais como imperativa e que deve ser alcançada rapidamente, uma alegria *‘full time’*, onde não há lugar para as experiências pouco contentes⁷²”.

De acordo com Sohn, durante os anos 70 os assuntos relacionados ao sexo e à sexologia se popularizam e tomaram conta de distintos canais midiáticos. Segunda a autora, os programas de rádio e de televisão “introduziram uma nova normalização dos comportamentos pela imposição do bom desempenho sexual”, todavia, ao passo que essa discussão se popularizou e se tornou lícito falar abertamente sobre sexo, o que se viu foi uma imposição da felicidade sexual simbolizada sobretudo através do orgasmo, como condição para que o indivíduo fosse, além de feliz, saudável. “O orgasmo que, como condição de boa saúde e de equilíbrio mental, se torna obrigatório.”⁷³.

Neckel, em referência aos estudos de Bruckner e Finkielkraut, aponta que uma das marcas da sexologia do século XX é a “veneração do orgasmo”, iniciada, segundo os autores, com Reich, mas seguido por diversos outros sexólogos⁷⁴. A partir dessa perspectiva, os sentimentos, o toque, e as subjetividades que envolvem uma relação sexual perderam o sentido, fazendo do sexo unicamente uma máquina de produzir orgasmos, “ao prazer difuso do erotismo, aberto às sutilezas do toque, provocador de sensações e aberto aos deriveres da ação no calor da hora, opõe-se um prazer funcional, orientado por toque e movimentos precisos onde a genitália prescreve o prazer.”⁷⁵ Entender a relação sexual dessa maneira é suprimir a sexualidade feminina, ao passo que ignora as subjetividades.

Nesse sentido, os limites para a normalidade foram redesenhados. Se até meados do século XX a mulher normal era a mãe e esposa, a partir dos anos 60 para ser normal era preciso ser feliz sexualmente. Esse novo termômetro de normalidade atingiu as publicações científicas e as revistas de grande circulação do período, e é observada nessa pesquisa principalmente através das denúncias presentes em “O relatório Hite”.

Não obstante, ademais das contraposições discursivas elencadas até o momento, uma das contradições mais evidentes refere-se ao duplo padrão moral. Entre os diversos modelos de comportamentos sexuais e de relacionamentos, observamos o estímulo a novas experiências e o incentivo à liberdade sexual feminina. Entretanto, o valor da mulher

72 NECKEL, op. Cit., p. 46.

73 SOHN, Anne-Marie, op. Cit., p. 126.

74 NECKEL, op. Cit., p. 9.

75 Ibidem, p. 159.

permanece atrelado com a inocência e a pouca experiência sexual. Paralelamente à Revolução Sexual, ainda era possível observar o incentivo a comportamentos mais opressores, onde a liberdade sexual feminina era incentivada sobretudo quando exclusiva à esfera do casamento. A moral feminina continuou estritamente relacionada com a sua conduta sexual nos eixos conjugais, único limite para uma “mulher de respeito”.

Gérard Zwang apresenta um posicionamento bastante ácido contra esse duplo padrão moral. Segundo o autor, ao entrar na puberdade as mulheres têm que atravessar um período de julgamento moral muito complicado. Primeiramente lhes é dito que seu órgão sexual é sinônimo de sua maior vergonha, e que ela deve escondê-lo e guardá-lo. Entretanto, cabe à mulher também “afirmar sua feminilidade, solicitar atenção erótica dos homens”⁷⁶, em uma relação bastante ambígua e confusa. As mulheres têm que esconder seu sexo ao mesmo tempo que têm precisam mostrá-lo.

Todas as transformações que a sociedade dos anos 60 e 70 passou quanto à sexualidade precisaram passar por uma fase de adaptação que não ocorreu sem dificuldades, e que ainda precisam ser problematizadas na contemporaneidade. Segundo Anthony Giddens, há um desencontro entre como os homens e as mulheres passam por essas transformações, já que “as mulheres não aceitam mais a dominação masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações desse fenômeno”⁷⁷. Segundo Giddens, as transformações e liberdades sexuais que atingiram principalmente as mulheres causaram uma série de novas expectativas e demandas, que precisaram ser adaptadas tanto para os homens quanto para as mulheres. Ainda que contraditórios, o importante é ressaltar que a partir desse *boom* de informações, as mulheres passaram a estar cada dia mais próximas de notícias que problematizavam a sexualidade feminina, ajudando-as a entenderem a sexualidade não apenas como um dever, mas também como um direito.

2.3 “O que deseja a mulher?” A sexualidade e a segunda onda do feminismo.

Apesar de compartilharem um ponto de vista muito positivo em relação ao corpo e a sexualidade feminina, Shere Hite e Gérard Zwang divergem em diversos pontos e uma das principais matérias de discordância desses autores é a sua posição quando ao feminismo. “O

76 Ibidem, p. 158.

77 GIDDENS, A., op. Cit., p. 18.

relatório Hite” é portador de diversas bandeiras carregadas pela segunda onda do feminismo mundo a fora. Shere Hite é uma feminista e defende não somente a emancipação e a liberdade sexual feminina mas também a sua autonomia, advogando para que as mulheres se descubram sozinhas, sejam responsáveis pelo próprio prazer. A autora compartilha diversas bandeiras do feminismo, como a crítica ao patriarcado como forma de opressão às mulheres, a crítica à psicanálise e a Freud, a denúncia da invenção do orgasmo vaginal como forma de restringir a sexualidade feminina a sua função reprodutiva. Em oposição a Hite, inclusive criticando-a diretamente, ao dizer que a autora seguiu a linha das “inimigas do homem”, Zwang chega a satirizar a autora, afirmando que os conhecimentos fisiológicos de Hite só fariam sentido numa pintura surrealista⁷⁸. O médico partilha da ideia de paz e equilíbrio entre os sexos e apesar de ser um grande defensor das mulheres, acredita que o feminismo se sustenta na rivalidade entre homens e mulheres sendo, portanto, um grande crítico do movimento. Entretanto, o renascimento do feminismo foi um dos principais fenômenos dos anos 60 e 70, e sem dúvida, fundamental e impactante na produção dos dois autores aqui estudados.

Diversos movimentos reivindicatórios fizeram parte do cenário dos anos 60, principalmente na luta pelos direitos civis para grupos historicamente oprimidos, como a luta pela igualdade racial nos Estados Unidos, e a luta pelos direitos das mulheres e dos homossexuais. Após um período de refluxo nas lutas sociais, ocorrido principalmente em decorrência do estado de bem estar social no pós guerra americano, a partir dos anos 60 o feminismo voltou a se constituir. Yasmine Ergas afirma que o período entre os anos 60 e 80 do século XX “avassalou o mundo das mulheres”.⁷⁹ Segunda a autora, essa grande mudança se deu principalmente pela participação maciça das mulheres no mundo do trabalho, pela legalidade do divórcio e pelo grande número de famílias monoparentais chefiadas por mulheres. Além disso, a partir dos anos 60 é possível observar o renascimento de um novo movimento feminista, seja através de atos protagonizados por mulheres no mundo todo, ou mesmo através dos avanços legislativos no que diz respeito a “questão das mulheres”.

Durante a Segunda Guerra Mundial as mulheres conquistaram grande espaço no mercado de trabalho, principalmente nos países envolvidos diretamente com a guerra, como Estados Unidos e Inglaterra. Todavia, com o fim da Guerra o que vemos é a volta da mulher

78 ZWANG, op. Cit., p. 19.

79 ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In. DUBY, Georges; Perrot, Michelle. (Orgs.). **História das mulheres no ocidente**. O século XX. Trad. Alda Maria Durães. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991. p. 584.

para o ambiente doméstico. Alves e Pintanguy afirmam que esse foi um período de grande propaganda em diferentes meios de comunicação para que as mulheres regressassem para os trabalhos domésticos e cedessem lugar ao homem no mercado de trabalho. Houve uma glorificação do trabalho doméstico, em detrimento do trabalho feminino realizado fora de casa, desvalorizado e considerado suplementar ao do homem⁸⁰.

Diante desse cenário, na década de 60, juntamente com outros movimentos libertários nos Estados Unidos, o movimento feminista começou a se reorganizar. Uma das principais vozes desse período foi Betty Friedan, com a publicação, em 1963, do livro “Mística feminina”.⁸¹ Desiludida com a sua própria vida, Betty afirma que um dos principais motivos que a levou a escrever foi a discrepância entre o que ela sentia na sua vida cotidiana e a imagem feliz que se fazia da “mulher moderna”, incompatível com a sua realidade.

Segundo Friedan, as mulheres americanas estavam vivendo na mística de uma realização plena como mães e esposas. “A mística feminina afirma que o valor mais alto e o compromisso único da mulher é a realização de sua feminilidade⁸²”. Nesse contexto, o modelo de esposa e mãe tornou-se o único capaz de promover a felicidade, e durante os anos 50 milhões de moças escolheram se preparar exclusivamente para o casamento e a maternidade. Segundo a autora, o número de mulheres na universidade caiu de 47% em 1920 para 35% em 1958.

O ambiente doméstico se tornou o espaço por excelência onde todos os anseios e expectativas da mulher deveriam se concretizar. Todavia, Friedan observou que essa restrição conduziu as mulheres a uma grande frustração e insatisfação, e chamou esse sentimento difícil de nomear de “problema sem nome”. Em seu livro, Friedan defende que a mística feminina estava impedindo que as mulheres se desenvolvessem plenamente como seres humanos, pois a mística impede a mulher de alcançar a sua maturidade. Segundo a autora, foi a necessidade de buscar essa identidade que levou a mulher ao feminismo, pois era preciso “provar que a mulher era humana”.⁸³

Após a publicação de “A mística feminina”, os livros e as críticas feministas começaram a se popularizar, com outras publicações emblemáticas, como o livro “Política Sexual” de Kate Millet, que ao analisar a relação histórica estabelecida entre os sexos,

80 ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O Que é Feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 50.

81 FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1971.

82 Ibidem, p. 40.

83 Ibidem, p. 72.

observa que o patriarcado está presente em todas as culturas, sociedades e religiões como um sistema de dominação. No mesmo período Juliet Mitchell publicou “A condição da mulher”, defendendo que era preciso que a libertação feminina acontecesse em quatro eixos principais: “as esferas da produção, da reprodução, da sexualidade e da educação.”⁸⁴

Na década de 60 e 70 o feminismo emergiu também como força política, conquistando avanços legislativos em vários países do mundo, como a promulgação da lei de igualdade salarial em 1970 no Reino Unido, ou com a promulgação de 71 leis relativas ao direito da mulher durante a década de 1970 nos Estados Unidos, o que é equivalente a 40% de toda a legislação sobre o assunto no país durante o século XX. Além disso, o feminismo ultrapassou as barreiras nacionais e protagonizou diversas ações a nível internacional, como a escolha da década de 1975-1985 como a década da mulher pelas Nações Unidas⁸⁵.

Segundo Ergas, o feminismo dos anos 70 teve como característica marcante uma oscilação entre a defesa da diferença entre os sexos, procurando distinguir o que era exclusivo ao universo feminino, e a recusa da diferença sexual, principalmente quando ela visasse justificar as desigualdades entre os sexos. Entretanto, independente de estar pautado nas igualdades ou nas diferenças, Ergas aponta que o que o feminismo dos anos 60 tem em comum é o questionamento sobre “O que é uma mulher?”, pergunta feita por Simone de Beauvoir no livro “O segundo sexo” publicado em 1949, mas que foi referência para os anos 70.

Apesar de não se tratar de um movimento homogêneo, grupos feministas organizados compartilharam algumas características comuns. A maioria dos grupos primou pelo separatismo e pela auto organização feminina, acreditando na exclusão dos homens dos espaços de discussão feministas como importante estratégia para a autonomia. Além disso, houve o que Ergas chama de “Tomada de consciência”. Foi uma estratégia bastante comum aos grupos feministas, e se baseava numa organização de células, pequenos grupos de trabalho que buscavam “a expansão progressiva da consciência”, objetivando formar as mulheres de maneira que qualquer uma pudesse dirigir uma célula. “A tomada de consciência baseava-se na crença de que as mulheres tinham de alguma forma sido privadas do seu <eu real> sendo-lhes negada uma visão positiva de si mesma.⁸⁶”. Houve também o

84 ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. op. Cit., p. 53-54.

85 ERGAS, op. Cit., p. 584.

86 Ibidem, p. 598.

desenvolvimento de símbolos e códigos próprios, como a substituição do punho fechado tradicional nas manifestações da esquerda na Europa pela mão levantada em forma alusiva à vulva. Além disso, outro traço comum às organizações feministas foi a criação de redes de solidariedade entre as mulheres, como a criação de centros para vítimas de violação.

Entretanto, a principal causa comum entre os movimentos feministas surgidos a partir dos anos 60 foi a “re(constituição) e a afirmação do sujeito social feminino”, evidenciado principalmente através de campanhas contra os abusos e violências sexuais e em manifestações referentes aos direitos reprodutivos. Defendia-se que para reconstituir o sujeito feminino, em toda os seus aspectos subjetivos, era preciso reapropriar-se do próprio corpo. “Ser expropriada do seu corpo era muito simplesmente ser expropriada do seu eu. Retomar a posse do eu implicaria retomar a posse do corpo⁸⁷”.

A partir dessa nova onda do feminismo, a liberdade sexual passou a se tornar uma das principais bandeiras. Com o objetivo de conquistar o direito sobre o próprio corpo e a sexualidade, levantando bandeiras pelos métodos contraceptivos e pelo direito ao aborto, um dos objetivos foi desatrelar a mulher ao seu papel de mãe. Com sua sexualidade vigiada pelo estado de acordo com as políticas demográficas vigentes, as mulheres passaram a reivindicar a maternidade como uma escolha. Uma das principais reivindicações é “que o exercício da sexualidade se desvincule de sua função biológica de reprodução, exigindo dessa forma o direito ao prazer sexual e à livre opção pela maternidade.”⁸⁸ O movimento feminista dos anos 60 e 70 procurou denunciar todo o tipo de agressão física, sexual e também simbólica, principalmente aquela que desmerecia o corpo feminino.

Nesse contexto, “a sexualidade apareceu como um terreno crucial para a auto-apropriação”⁸⁹. Distintos textos tratavam o assunto, pleiteando principalmente o direito a desenvolver a própria sexualidade, as mulheres denunciavam o patriarcado e a subjugação da sexualidade feminina à sua função reprodutiva. Diversos grupos feministas se organizaram contra a dominação do corpo e da sexualidade feminina ao controle masculino, como um grupo de feministas italianas, que em 1967 convocaram as mulheres “a libertar-se a si próprias da escravatura sexual em que os homens a tinham mantido”. Em 1970, Germaine Geer publicou o célebre livro “A mulher eunuco”, dedicando vários capítulos para tratar da

87 Ibidem, p. 600.

88 ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. op. Cit., p. 60.

89 Ibidem, p. 601.

autonomia sexual. Além disso, a dominação da sexualidade feminina vinha em forma de denúncia, como as feministas holandesas que no começo dos anos 70 escreveram que “três quartos das mulheres já tinham fingido ter orgasmos.⁹⁰”. O processo de autonomia e afirmação do sujeito feminino passava pelo direito ao próprio corpo e prazer, e portanto, a sexualidade foi questão central, tanto na defesa da emancipação sexual, quanto na luta por direitos relativos ao corpo, como a legalização dos métodos contraceptivos e do aborto, e na luta contra a violência sexual.

90 Idem.

3. UM OUTRO OLHAR: A CIÊNCIA SEXUAL NUMA PERSPECTIVA FILÓGINA

A história do desejo e da sexualidade feminina é marcada por profundas ambiguidades e desconfiças, principalmente porque a produção acerca do assunto se deu em ambientes preponderantemente masculinos, como nas letras e nas artes, espaços nos quais a participação feminina só se deu na história recente. Ao longo da história, os sentimentos e desejos das mulheres foram problematizados principalmente a partir do pensamento cristão, e de maneira bastante dicotômica.⁹¹

O pensamento ocidental se caracterizou por uma constante dúvida sobre o que deseja a Mulher. Ela é aquela que ninguém sabe exatamente o que quer e essas incertezas vêm acompanhadas de medos. Há uma dúvida historicamente construída sobre o que almeja a mulher, oriunda de uma cultura misógina que tem a mulher como uma figura de duas faces, representadas por Maria, e Eva, a pecadora. A problematização do desejo feminino foi marcada por uma visão bastante ambígua polarizada pela mulher-mãe, figura que representa a renúncia de si mesmo em prol do cuidados com os filhos e a família, e a mulher pecadora, portadora de um desejo sexual incontrolável e capaz de conduzir os homens à ruína.

A história do desejo feminino é ilustrada através da oposição entre essas duas mulheres: Eva, a pecadora, símbolo da perdição que conduziu a si mesma e a Adão à ruína, e Maria, mãe de Jesus. Maria é portadora do único desejo legítimo, o desejo de servir. Além de mãe, ela é livre das máculas do sexo e da atividade carnal. As ambiguidades marcadas pelos estereótipos de Eva e Maria permeiam a produção científica ocidental. A ciência da sexualidade dos séculos XIX e XX é balizada pela dicotomia entre a mulher - mãe, cuja sexualidade se justifica dentro do matrimônio, e a mulher anormal, histérica, possuidora de um desejo sexual voraz, representada pela ninfomaniaca.

Problematizado também pela psicanálise e pela sexologia após a Segunda Guerra Mundial, a dicotomia entre o prazer honesto e o pernicioso continuaram a existir. A ciência sexual pretendia principalmente desvendar os mistérios do orgasmo feminino a fim de ajustar a felicidade conjugal. Todavia, estabeleceu-se uma dicotomia entre o prazer honesto e normal, o vaginal, passivo e por isso considerado feminino, e o prazer imaturo clitoridiano,

91 Para a elaboração desse capítulo foi de grande contribuição a palestra da Professora Dr^a Ana Paula Vosne Martins, intitulado “O que quer a mulher? Sexo, amor e desejo de um ponto de vista filógino.”, no evento “Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História. Estética e imaginário social.” 2008.

que a mulher madura deveria superar. Essa restrição da sexualidade feminina levou as mulheres a questionarem sua própria saúde e normalidade. O sexo se tornou, a partir do pós-guerra, a grande preocupação do casal e a satisfação sexual feminina tornou-se um grande problema, conduzindo diversos pesquisadores a se debruçarem sobre a questão, criando inúmeros centros de tratamento para resolver os desajustes do casal e curar a frigidez feminina.

Durante os anos 1960 e 1970 o feminismo emergiu como nova força contestatória. A efervescência da segunda onda do feminismo promoveu a formação de uma nova proposição discursiva e política quanto à sexualidade feminina. A problematização dos desejos femininos e a auto apropriação do corpo e da sexualidade se tornaram uma das principais bandeiras do movimento, constituindo uma rede de vozes dissonantes que buscavam entender como as mulheres viam a si mesmas, opondo-se à construção de conceitos misóginos e ofensivos sobre o corpo e a sexualidade feminina. Os livros aqui analisados, “O sexo da mulher”, de Gérard Zwang, publicado em 1967, e “O relatório Hite” de Shere Hite, de 1976, estão inseridos nesse contexto crítico. Ambos os autores procuram, de forma bastante pioneira, problematizar a sexualidade e o desejo feminino a partir de uma ótica própria. Além disso, as duas obras são contestadoras tanto da produção científica que lhes antecederam quanto das que lhes são contemporâneas, denunciando-as por mitificarem o desejo feminino e analisá-lo a partir de um referencial exclusivamente masculino. Esse capítulo se dedica a refletir e analisar esse nova proposição discursiva, que estuda as mulheres procurando entendê-las em toda a sua complexidade e diversidade.

3.1 Gérard Zwang e o elogio ao sexo da mulher

O livro “O sexo da mulher”, do médico francês Gérard Zwang, foi publicado pela primeira vez em 1967. A obra se destaca principalmente por propor escrever detalhadamente sobre o sexo da mulher. Escrito num momento de efervescência do feminismo, de redefinição do papel da mulher e contestação da ordem familiar tradicional, a obra contribuiu para a construção de um olhar positivo acerca do corpo e da sexualidade feminina. O autor se ampara nos conhecimentos médicos e faz uma descrição detalhada da morfologia e da fisiologia feminina, todavia, à diferença do discurso médico elaborado no século XIX, Zwang

evita comparações com o sexo masculino, propondo-se a estudar as mulheres a partir de suas singularidades.

O livro de Gérard Zwang é dividido em três partes. Na primeira delas, chamada de “A coisa em si”, o autor faz uma descrição detalhada da morfologia e fisiologia femininas. Nas duas partes seguintes, chamadas de “Mitologia ou ideia que temos da coisa” e “Estética ou a maneira de ver a coisa”, o autor procura desmitificar os preconceitos relacionados à mulher, baseado em conceitos misóginos e numa constante desvalorização do sexo feminino. Uma das principais críticas do autor está na dificuldade de nomear o sexo da mulher, porque não há uma palavra que o represente em sua totalidade e que não seja pejorativa e ofensiva. Não há uma palavra que seja equivalente a vagina, clitóris, grandes e pequenos lábios, por exemplo. Em tom sarcástico, para exemplificar a falta de uma palavra adequada para nomeá-lo, Zwang passa a se referir ao sexo da mulher como “a coisa em si”.

Todavia, a dificuldade de nomear o sexo da mulher é acompanhado de um desdém maior. Assim como as diferentes línguas analisadas pelo autor não dão conta de representar a totalidade “da coisa”, o mundo das artes visuais também foi injusto e não conseguiu representá-lo. Arelado sempre ao negativo, ao feio e ao obscuro, o sexo da mulher não é representado, e quando o é, se faz em termos ofensivos. Zwang pretende justamente reavaliar esses conceitos. Segundo Margarete Rago, “o autor problematiza o lugar que o sexo feminino ocupa na cultura ocidental, bastante inferiorizado em relação ao masculino.”⁹²

Na primeira parte do seu livro Zwang faz um estudo morfológico e fisiológico bastante detalhado do sexo feminino e afirma que um dos principais objetivos do seu estudo é suprir a deficiência de estudos relacionados ao assunto. Num estudo bastante objetivo e elucidativo, o autor se propõe a explicar a forma e as funções do sexo da mulher em toda a sua complexidade. Com uma descrição bastante poética, “sexuadas, fendidas, triangulares de velo, úmidas, quentes, odorantes, clitoridianas e vaginais, ou os dois”⁹³, toda a descrição do autor é, além de minuciosa, elogiosa. Zwang lança mão de inúmeras metáforas para fazer suas descrições, tal como a sempre presente analogia dos pelos pubianos com as florestas, ou, por exemplo, comparar os pequenos lábios vaginais a asas de borboletas⁹⁴.

Um dos principais motivadores para escrever o livro foi a falta de publicações na área.

92 RAGO, Margareth. **O elogio do sexo da mulher**. In: Cadernos Pagu, Volume 14, Corporificando Gênero. Campinas: UNICAMP, 2000, p. 291.

93 ZWANG, Gérard., op. Cit., p. 22.

94 Ibidem, p. 68.

Se por um lado o falo “é celebrado, magnificado a faltar”, há um grande déficit não somente na produção científica sobre o sexo da mulher, como também na sua representação artística e linguística. Zwang aponta duas principais causas para “o mal estar da relação entre a mulher e o seu sexo: a dificuldade de sua representação e a falta de um termo 'decente’”⁹⁵. O sexo da mulher é tão mal representado que mesmo as mulheres desconhecem as suas características.

Além de se tratar de um órgão mais escondido, difícil de observar sem a ajuda de um espelho, há uma constante censura para que a mulher não se toque e que se esconda e se proteja. Dessa maneira, as mulheres não somente têm desconhecimento do seu próprio corpo, como dele desconfia, por ter aprendido tratar-se de um lugar sujo, mal cheiroso e feio. Além disso, diferente do falo que é representado nos mais diferentes objetos de arte e na vida cotidiana, a vulva é censurada de tal maneira que não compõe nem mesmo os livros didáticos de biologia sobre o corpo humano.

Além da ausência visual, as mulheres se acostumaram a ouvir falar mal de seus órgãos sexuais desde sempre. “Ao ouvir os homens, a mulher só pode mesmo ter uma ideia pejorativa de seu sexo. Canções airadas, história obscenas, termos injuriosos a denigrem no que seu órgão tem de mais feminino”⁹⁶, difícil até mesmo de nomear, já que não é corriqueiro dizer vulva.

Da mesma forma que na linguagem, o sexo da mulher também não é bem representado nas artes. A arte ocidental apresentou uma “estética falsificada” do sexo da mulher. Diferente do falo, sempre representado inclusive quanto a sua pilosidade, o sexo da mulher foi censurado pela arte ocidental. É um paradoxo, na verdade, já que o corpo feminino, principalmente o nu, tem sido um dos temas mais recorrentes da história da arte, mas como afirma Zwang “há uma vontade deliberada de atacar a mulher, e bem por onde ela é mulher”⁹⁷. Segundo Zwang

As três etapas marcantes de nossa estética – civilização grega, moralismo cristão e pensamento renascente – repartem a responsabilidade de haver engendrado essa plástica mentirosa, a de nossa base cultural, para a qual a mulher não tem nem pelos nem fenda⁹⁸

Zwang denuncia o resultado dessa estética mentirosa, pois ao serem mal retratadas, as

95 Ibidem, p. 151.

96 Ibidem, p. 154.

97 Ibidem, p. 269.

98 Ibidem, p. 270.

mulheres se dão conta que não são como as estátuas. Símbolos de um ideal estético que em nada tem a ver com a realidade, a arte ocidental colaborou para que as mulheres se sentissem incompletas e impuras.

Enquanto na história da arte ocidental o sexo masculino foi vangloriado e exaltado, o sexo da mulher foi censurado, “até mesmo Afrodite, em todas as representações clássicas, mostra-se sem pelos e impenetrável: para a deusa do Amor, convenhamos que é muito incoerente.”⁹⁹. O autor faz uma defesa estética do sexo da mulher e também se envolve na sua reabilitação, contra os tabus e costumes que o suprimem, posicionando-se como um grande crítico da clitoridectomia, mas também com a supressão que o clitóris sofreu na sociedade ocidental, como através do cinto de castidade.

Zwang é um defensor da libertação da culpa em relação aos corpos e ao sexo e faz duras críticas à moral religiosa que coíbe a sexualidade feminina.

Mais vigoroso que a mulher, o homem se impôs, há muito tempo, como o Tipo Humano de Referência: dotado, *ipso facto*, de desejos e órgãos sexuais ainda mais vergonhosos que os do homem, a mulher deve superar mais obstáculos ainda para desabrochar plenamente seu ser-no-mundo.¹⁰⁰

Zwang lança duras críticas à sociedade falocrática. Segundo o autor, o fato do homem precisar ejacular para a procriação, justificou o seu orgasmo e estabeleceu parâmetros diferenciados para o prazer feminino, relacionado à concupiscência carnal, lascívia e a luxúria, já que aparentemente não possui nenhuma utilidade.

O autor critica com veemência a sociedade falocrática e misógina que recrimina tudo que está relacionado com o sexo feminino. “O sexo da mulher é peludo”, “complicado”, “cheira mal”, “é úmido”, “sangra”, “é maléfico”¹⁰¹. A menstruação está envolta em tantos tabus que faz até mesmo desandar a maionese e é usada para feitiços e bruxarias. São inúmeras as recriminações que fazem com que o sexo da mulher seja visto como algo obscuro e perigoso, levando as sociedades a cometerem crimes de ódio contra a mulher, como a clitoridectomia, durante criticada pelo médico.

Ainda que o Ocidente não tenha mutilado fisicamente suas mulheres, o autor enfatiza a existência de uma constante vigilância quanto à masturbação feminina e a qualquer prazer

99 Ibidem, p. 272.

100 Ibidem, p. 145.

101 Ibidem, p. 193-196.

vindo do clitóris, numa hierarquização entre o prazer “honesto” da vagina, e o pernicioso vindo do clitóris. A moral e culpa religiosa fizeram o seu papel em mutilar psicologicamente as mulheres ocidentais. A censura ao clitóris é tão grande que ele não aparece em nenhum livro didático, passa despercebido na ciência escolar que estuda detalhadamente o menor dos músculos do corpo humano.¹⁰²

Assim como Shere Hite, Gérard Zwang é um grande crítico da psicanálise e da hierarquização entre a mulher vaginal e clitoridiana. Para o autor não há motivo para promover uma disputa entre os dois órgãos, que são essenciais ao prazer feminino. O clitóris é visto por Zwang como o educador da vagina, sem ser erotizada primeiramente pelo clitóris uma mulher nunca vai conseguir obter o prazer vaginal. “Dessa forma, o prazer fisiológico do clitóris aparece claramente, ele é o educador da vagina, seu incitador ao prazer, seu vizinho de porta e seu melhor amigo.”¹⁰³

Zwang afirma que os estudos do sexo envoltos pela psicanálise freudiana “atravancava o conhecimento”¹⁰⁴. Todavia, é interessante observar que as críticas conduzidas pelo médico são bastante ácidas, mas muitas vezes com um senso de humor apurado, sarcástico. O autor diz, por exemplo, que se Freud fosse uma mulher “que pensasse tão mal quanto ele”, provavelmente teria inventado um “complexo de protuberância”, inverso ao conhecido complexo de castração, “que seriam acometidos os infelizes portadores de falos: atormentados por um apetrecho que se sobressai, eles só podem superar sua inferioridade enfiando-o no primeiro buraco que aparecer.”¹⁰⁵.

A crítica à psicanálise se relaciona com as críticas feitas pelo autor ao longo do livro. Trata-se principalmente da recusa em analisar a mulher a partir a um referencial masculino, “como um homem que não deu certo – por um defeito de ser desprovida de falo, o único órgão sexual valorizado pela psicanálise.”¹⁰⁶. Ademais, o erotismo aceito e defendido pela psicanálise é o vaginal, essencialmente passivo. Ao contradizer a oposição entre o clitóris e a vagina, Zwang contradiz também essa relação paradoxal imposta pela psicanálise entre a mulher clitoridiana e a mulher vaginal, “ainda que deliciosamente complexo, o sexo da mulher é um só, ele não faz guerra contra si mesmo.”¹⁰⁷.

102 ZWANG, Gérard., op. Cit., p. 218.

103 Ibidem, p. 219.

104 Ibidem, p. 20.

105 Ibidem, p. 197.

106 Ibidem, p. 34.

107 Ibidem, p. 167.

Não obstante, uma das mais importantes contribuições de livro de Gérard Zwang é manifestar amor para com o corpo feminino. A partir de uma linguagem poética e metafórica, o texto de Zwang é uma importante ferramenta na promoção da autoestima e do amor próprio entre as mulheres. Sem travar embates entre os diferentes tipos de prazer que uma mulher pode alcançar, o autor tece elogios ímpares ao clitóris.

Porteiro complacente do prazer, piloto da galeota vaginal, baliza que a ereção faz piscar, lamparina que é preciso ascender para provocar um incêndio total, o clitóris é o emissário da vagina, seu prolongamento externo. Para a maioria das mulheres, ele permanece por toda a vida como ponto obrigatório, a via estreita entre o desejo e sua saciação[...]¹⁰⁸

Sem hierarquizar, Zwang defende que as mulheres possuem duas zonas erógenas primárias: a vagina e o clitóris. O médico propõe uma lógica simples e natural para o amor. É preciso, entretanto, notar os sinais, não avançar para as zonas erógenas primárias sem antes explorar as secundárias, orientar-se com a mulher para saber a maneira que mais lhe agrada, de maneira que o orgasmo para os dois é uma via natural, desde que se saiba como fazê-lo. “Antes de tocar Mozart é preciso aprender as notas (...)o exercício do prazer não exige nenhum mistério crapuloso nem demoníaco, que ele é *para o corpo* uma atividade saudável e totalmente *natural*, totalmente simples.”¹⁰⁹. Nesse sentido, o médico francês naturaliza a relação entre o homem e a mulher, complementares entre si. Todo o livro de Zwang foi construído pensando e defendendo os relacionamentos heterossexuais, pautado no equilíbrio entre os sexos, denunciando a violência, promovendo o bom relacionamento entre o homem e a mulher.

Crítico à Revolução Sexual e ao feminismo, o autor é um grande defensor do relacionamento heterossexual. Observamos nesse ponto que para o Zwang essa é a grande verdade do sexo: o homem e a mulher foram feitos um para o outro. Como observamos no primeiro capítulo desse trabalho, a produção científica dos anos 1960 e 1970 continuou pautada na verdade e para Zwang é preciso defender a heterossexualidade num contexto onde ela passa a ser cada vez mais questionada. Numa sociedade cada vez mais contestadora da tradicional ordem familiar e com a proliferação de estudos sobre a homossexualidade, como os de Kinsey e de Hite, Zwang condena os atos sexuais não heterossexuais, como a homossexualidade ou o sexo anal. A defesa do relacionamento heterossexual é feita de uma

¹⁰⁸ Ibidem, p. 131.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 126.

maneira bastante conciliatória, “posto que cada um de nós, homem ou mulher, possui um sexo ao mesmo tempo para si e para o outro.”¹¹⁰.

Todavia, para além da crítica à homossexualidade, Gérard Zwang foi de grande importância na defesa da mulher, pois como bem assinala Rago, a contribuição de Zwang “vai além de desfazer antigos e nocivos fantasmas sexuais, ao questionar as imagens tão negativas que formam o repertório falocêntrico através dos quais as mulheres têm espelhado o próprio corpo”¹¹¹. Além de incentivar as mulheres a descobrirem o próprio corpo, a viverem melhor a sua sexualidade, a principal contribuição do médico é política, pois o autor reforça que as mulheres precisam reconstruir a imagem que têm de si mesmas, que aprendam a gostar dos seus corpos. O gostar do corpo feminino é uma tarefa muito difícil, visto que ele é sempre nominado com termos depreciativos. Zwang questiona o fato de não usarmos metáforas mais bonitas e alegres para se referir ao sexo da mulher, bem como a associação com termos injuriosos.

Segundo Rago, o trabalho de Zwang faz parte de uma onda que se iniciou desde o século XIX, procurando “revelar a suposta identidade profunda da mulher”. Todavia, esses estudos sempre se pautaram na dicotomia entre a “mulher honesta” e a “degenerada nata”, como pensava Cesare Lombroso, que em referência aos estudos do médico francês Alexandre Parent-Duchâtelet, afirmava que as prostitutas tinham características físicas próprias da mulher lasciva, “como quadril grande e testa curta, ou traços de personalidade, como a tagarelice, a falta de raciocínio lógico e a preguiça, que determinavam irremediavelmente sua condição moral e social.”¹¹².

Em oposição a essa imagem de valorização da mulher somente como mãe e esposa, Zwang propõe uma análise do corpo e da sexualidade feminina que eleva a autoestima feminina e contribui para uma mudança significativa na maneira como as mulheres enxergam si mesmas. Entretanto, é preciso salientar que o projeto de Zwang vai além do elogio, é uma defesa permanente do sexo da mulher e também uma denúncia ao lugar obscuro a que sempre esteve fadado. O engajamento do médico permeia todo o livro contra qualquer intervenção, seja através da depilação, seja através de processos cirúrgicos, principalmente quando não há nenhuma causa para essas intervenções senão estéticas. Nesse sentido, Zwang critica a medicina e a ciência, que usam o corpo masculino como referência e desqualificam o

110 ZWANG, Gérard., op. Cit., p. 22.

111 RAGO, M., op. Cit., p. 293.

112 Ibidem, p. 294.

feminino, como foi o caso do clitóris, por exemplo, sempre visto como um pênis invertido, inferior, menor. De acordo com o próprio Zwang, o principal mérito de sua obra foi “a reabilitação morfológica, artística, do sexo da mulher”¹¹³, colaborando para que muitas mulheres passassem a amar os seus corpos.

3.2 O relatório Hite e a defesa da emancipação sexual feminina

!Uau! - que as mulheres digam como é, em vez de esses homens todos dizerem como *deve ser!*¹¹⁴

Shere Hite formou-se em História Americana e Ideologia das Ciências na Florida e doutorou-se em História pela Universidade da Columbia. Entre 1972 e 1976, Hite foi diretora do projeto feminista de sexualidade da “National Organization for Women (NOW)”, uma organização que lutava por igualdade de direitos, pelo fim da discriminação no mundo do trabalho e contra qualquer forma de violência contra a mulher¹¹⁵.

A autora se tornou conhecida principalmente pelo seu estudo sobre a sexualidade feminina e pela publicação do livro “O relatório Hite – um profundo estudo sobre a sexualidade feminina”. Para realizar a sua investigação a autora distribuiu mais de 100 mil questionários por todos os Estados Unidos. Dos 100 mil questionários distribuídos, 3 mil foram devolvidos, respondido por mulheres entre 14 e 78 anos. Entre 1972 e 1974 Hite distribuiu 4 questionários com perguntas um pouco distintas, oscilando entre 53 e 63 perguntas. O livro foi lançado em 1976 nos Estados Unidos e foi um dos livros mais lidos no período.

Hite inicia o seu livro afirmando que nenhum estudo anterior investigou a sexualidade feminina a partir de um referencial próprio. Ao contrário, nas ocasiões em que as mulheres foram questionadas sobre a própria sexualidade, a pergunta partia de como elas deveriam se sentir, através de uma lógica masculina, que além de condicionar a sexualidade feminina, não a investigava a fundo. Ao elaborar os questionários, Hite procurou fazer perguntas abertas, objetivando que as mulheres falassem livremente sobre o que sentiam e como se sentiam em relação à própria sexualidade.

113 HITE, Shere. op. Cit., p. 20.

114 Ibidem, p. 26.

115 SENA, T., 2007, op. Cit., p. 220.

O principal impacto de “O relatório Hite” veio da afirmação que a grande maioria das mulheres americanas não alcançava o orgasmo, principalmente durante o intercursos sexual. Ao mesmo tempo que demonstra que 30% das mulheres não alcançava o orgasmo durante o ato sexual, Hite afirma que a grande maioria das mulheres chegava ao orgasmo de maneira muito satisfatória e rápida na masturbação. Ao apresentar esses dados a autora procurou questionar o modelo convencional de relação sexual, pois mesmo as mulheres soubessem como se estimular para alcançar o clímax sexual, as relações sexuais não eram capazes de provocar esse estímulo.

Os depoimentos elencados pela autora são bastante detalhados e explícitos, o que gerou inclusive a censura no Brasil, onde o livro foi proibido até 1978 e após isso, vendido somente com uma tarja preta e escrito “venda proibida para menores de 18 anos.¹¹⁶”. Nos depoimentos coletados por Hite o que observamos são verdadeiros desabafos. Há uma grande sensação de alívio por finalmente poder dizer algo que angustiava tantas mulheres. Hite organiza os depoimentos de maneira que temos a percepção que responder ao questionário foi um grito de libertação. As mulheres pareciam se sentir aliviadas por finalmente poder dizer o que se sentiam (ou o que não sentiam), sem serem consideradas anormais por isso. Além disso, as mulheres se sentiam muito mais confortáveis pelo fato da pesquisadora ser uma mulher, como se fosse alguém que finalmente as entendesse. “Respondi porque acredito que o ponto de vista das mulheres deveria vir ao conhecimento público. Já li muitos livros sobre sexo, todos escritos do ponto de vista do macho, para o macho e pelo macho.”¹¹⁷.

Ao escrever sobre a insatisfação sexual das mulheres e dizer que a penetração masculina é dispensável para o prazer feminino, Hite procurou principalmente questionar o modelo sexual em curso, tão condicionado à penetração. Ademais, a autora buscou demonstrar como o medo da frigidez sexual atingiu as mulheres, já que a partir da Revolução Sexual, o orgasmo se tornou central e necessário, um termômetro da satisfação sexual. Observamos no livro um grito contra a opressão do orgasmo e do sexo, mas não no sentido de achar natural não ter orgasmo. O que Hite propõe é questionar um modelo sexual que segundo ela, explora as mulheres.

O modelo reprodutivo do sexo garante o orgasmo masculino ao conferir-lhe um momento e um lugar padronizado, em que as duas pessoas sabem o que fazer para o

116 NECKEL, R., op. Cit., p. 199.

117 HITE, S., op. Cit., p. 28.

homem gozar. A coisa toda é pré-arranjada. Trata-se de um acordo prévio. Mas não há padrões ou arranjos especiais para a mulher gozar – a não ser que ela consiga durante a relação. Assim, as mulheres são colocadas na posição de pedir um estímulo extra, um algo mais, ou então tentar subliminarmente enviar mensagens a um parceiro que na maioria das vezes nem percebe que devia prestar atenção.¹¹⁸

Shere Hite denuncia um padrão sexual pensado para o mundo masculino. Nesse contexto, as mulheres ficam sempre à mercê de que o parceiro ofereça um algo a mais e quando recebem esse algo a mais, devem se tornar agradecidas. O orgasmo que é considerado natural para o homem, parece ser algo trabalhoso e difícil para a mulher, que quase nunca o alcança, ou que acaba fingindo alcançá-lo. O que a autora pretende ao denunciar a insatisfação sexual é desnaturalizá-la e creditá-la a um sistema cultural opressivo, que impõe às mulheres um modelo sexual incapaz de satisfazer suas necessidades.

O livro é baseado principalmente nos depoimentos das mulheres que responderam ao questionário, numa metodologia bastante conhecida do movimento feminista dos anos 60 e 70, que pretendia dar voz às mulheres. Todavia, Hite não tenta manter distância ou fazer apenas uma compilação temática dos depoimentos. Pelo contrário, a autora não se furta em posicionar-se, principalmente ao defender causas feministas, como a defesa da apropriação do corpo e a da sexualidade. A autora defende uma reestruturação da sexualidade, pois a ausência de orgasmos na vida das mulheres é extremamente prejudicial, com consequências principalmente psicológicas, porque as mulheres se sentiam incapazes, menos mulheres por não alcançarem o orgasmo.

Segundo Neckel, “Hite tem por objetivo destacar o significado psicológico para as mulheres do modelo de relação sexual reprodutiva, reforçando a ideia de que as construções culturais é que interferem na vivência sexual.”¹¹⁹ Ao problematizar a sexualidade, Hite afirma, portanto que é o modelo opressor de sexualidade que impede as mulheres de alcançar a plenitude sexual. É a sociedade que tem problemas, não as mulheres. Todavia, o medo da anormalidade não está somente na ausência do orgasmo, mas também em como tê-lo. A educação pornográfica, feita por e para os homens, criou uma série de signos e comportamentos que não correspondem à realidade. Em Hite, observamos como as mulheres se sentiam pressionadas por não corresponderem ao padrão esperado de comportamento no clímax sexual. “Eu costumava me esforçar um pouco para apresentar todos os signos

118 Ibidem, p. 265.

119 NECKEL, op. Cit., p. 202.

hollywoodianos de orgasmo feminino, mas agora só faço alguns movimentos e sons leves.”¹²⁰.

Ao enfatizar a importância da masturbação e desconstruir a ideia do orgasmo vaginal, para ela um mito criado para submeter a sexualidade da mulher a um modelo sexual reprodutivo, Hite sublinhou que os problemas sexuais femininos são decorrentes de um sistema cultural opressor e que, portanto é preciso rever este sistema, repensar o cronograma sexual, e não fomentar uma indústria da ciência sexual, que busca curar problemas de mulheres saudáveis. “Não é a sexualidade feminina que tem um problema (uma ‘disfunção’) -, é a sociedade que é problemática na sua definição de sexo e no papel subordinado que essa definição confere às mulheres.”¹²¹.

Além disso, Hite procura desmistificar a ideia de que os homens são naturalmente bem dispostos ao sexo enquanto as mulheres não são. A autora buscou desnaturalizar e criticar a glorificação da sexualidade masculina, que se sustenta na ideia do intercursos sexual como um instinto natural do homem, sempre muito mais disposto ao sexo que a mulher, e para o qual, conseguir saciar esse instinto natural e implacável justifica ou pelo menos torna compreensível qualquer ação masculina, mesmo uma violação.

A autora se posiciona principalmente contra a ideia de que homens têm impulsos sexuais que não podem controlar, que dominam os demais sentidos e que por isso as mulheres precisam se sujeitar às investidas sexuais do parceiro como se fosse uma obrigação. Hite recorre a cientistas e médicos e procura explicar que a compulsão sexual masculina é uma construção social e psicológica. O que a autora procura com esse argumento é incentivar as mulheres a não mais se sujeitarem aos homens e que o sexo deixe de ser uma obrigação. Hite defende o direito a dizer não, e se opõe à imposição sexual que condiciona as mulheres sempre dizer sim.

Um dos temas mais recorrentes durante todo o texto de Hite é a ênfase na perda do direito de dizer não. Ao tornar a mulher livre para exercer a sua sexualidade, o sexo passou de direito a obrigação e a satisfação sexual se tornou pré-requisito para a satisfação em todos os sentidos da vida. O movimento de libertação sexual foi uma faca de dois gumes para a liberdade feminina. Por um lado, a liberdade sexual sem a liberdade econômica, já que as mulheres não possuíam as mesmas oportunidades de educação e de trabalho que os homens, continuava colocando a mulher numa posição de dependência do homem, sem contar com a

120 HITE, op. Cit., p. 101.

121 Ibidem, p. 36.

proteção do âmbito familiar. Segundo Hite, “não é possível decretar que as mulheres 'sejam sexualmente livres' quando não são economicamente livres, isso equivale a colocá-las numa posição mais vulnerável que nunca e transformá-las numa forma de propriedade comum, facilmente disponível.”¹²².

Todavia, ao defender o direitos das mulheres a dizer não, Hite não subestima a importância da vida sexual para as mulheres, pelo contrário, um dos seus objetivos é desfazer o mito da frigidez feminina. O principal argumento da autora é que as mulheres chegam com uma grande facilidade ao orgasmo, inclusive mais fácil e rápido que os homens. A autora procura desconstruir a ideia que as mulheres precisam de uma relação sexual muito mais elaborada e demorada para alcançar o orgasmo. Segundo Hite, as mulheres têm mais dificuldade para o orgasmo porque não têm o estímulo adequado e precisam ter sua sexualidade adaptada. As mulheres alcançam o prazer de maneira diferente a dos homens e ambos desenvolvem a relação sexual para agradar o sexo masculino.

Nesse sentido, observamos que uma das principais bandeiras de Hite é defender a autonomia sexual da mulher, o “faça você mesma”. Na verdade, ao escrever um livro direcionado para um público feminino o que a autora pretende é orientar as mulheres para que nunca deixem de buscar o seu prazer, que conheçam o seu corpo e que sejam elas as responsáveis pelo próprio prazer. Não se trata de um chamado para o ato solitário, ainda que a autora defenda a masturbação como a melhor maneira para aprender sobre o funcionamento do próprio corpo. O que a autora pretende é que as mulheres sejam elas próprias capazes de buscar e alcançar seus orgasmos, mesmo durante o ato sexual, que se manipulem, que descubram os movimentos que mais lhes agradam, e que não fiquem esperando pela vontade masculina.

“O relatório Hite” é um manifesto à iniciativa feminina, que as mulheres aprendam sobre si e usem esse conhecimento com o seu parceiro. O processo de autoconhecimento e mais, de ter coragem de dizer o que gosta e de como fazer, é importante não somente para alcançar a liberdade sexual, mas para a emancipação feminina como um todo, pois a ausência de orgasmo seria um indicador de inferioridade. “O que sente uma mulher que assiste ao gozo do seu homem, inabalável na certeza dos seus direitos, toda santa vez? Trata-se perfeitamente de uma lição que ela é, antes de mais nada, inferior, oprimida e sempre menos alguma

122 HITE, op. Cit., p. 313.

coisa.”¹²³.

A busca pelo prazer e pela autonomia sexual é um importante passo no caminho da igualdade, nesse sentido, a luta feminista passa pelo aprendizado e desenvolvimento da sexualidade. “O direito ao orgasmo tornou-se uma questão política para as mulheres (...) É hora de recuperarmos nossos corpos, de começarmos a usá-los nós mesmas para o nosso próprio prazer”. Nesse sentido, observamos que “O relatório Hite” faz um chamado para que as mulheres se reapropriem de seus corpos, e como já visto, essa foi uma das principais bandeiras do feminismo dos anos 1970. Apropriar-se da sexualidade é apropriar-se de seu corpo e, portanto, do seu eu. “Temos direito aos nossos próprios corpos. Controlar a própria excitação simboliza a posse do próprio corpo. Um passo muito importante em direção à liberdade”¹²⁴.

Hite encerra o seu livro/pesquisa enfatizando o engajamento a que se propôs durante todo o decorrer da pesquisa. Ao concluir o livro com um chamado para que reflitamos e nos posicionemos em prol de uma nova sexualidade feminina, a autora faz um chamado para que o sexo seja redefinido, e principalmente que a relação sexual não tenha sempre o intercuro como objetivo. Como afirma Tito Sena, Hite pretende uma “total redefinição, melhor, uma indefinição da sexualidade, incluindo os homens nessa expansão.¹²⁵”. É um chamado para que as leitoras e os leitores esqueçam um pouco todo o roteiro sexual que aprenderam e desenvolvam novas formas de se relacionar, para além de um sexo moldado pelo patriarcado ou pela necessidade reprodutiva¹²⁶.

3.3 Outras enunciações: a apropriação feminina do seu próprio corpo e desejo.

Gérard Zwang e Shere Hite compartilham uma visão positiva do corpo e da sexualidade feminina. Ambos foram importantes na construção de um novo posicionamento, de uma forma inusitada de pensar a ciência sexual, principalmente porque procuraram entender a mulher em sua singularidade. A importância dos autores está na construção de um novo fazer científico, principalmente em um momento no qual a ciência se popularizou nos meios de comunicação e foi usada como legitimadora do saber nas mídias, como em livros de caráter científico escritos numa linguagem acessível que se tornaram *best-sellers* e nas

123 HITE, op. Cit., p. 280.

124 Ibidem, p. 266.

125 SENA, op. Cit., p. 230.

126 ZWANG, op. Cit., p. 370.

revistas destinadas ao público feminino.

Os autores que analisamos continuaram recorrendo à ciência como ferramenta legitimadora e ambos defenderam uma verdade do sexo. Para Gérard Zwang a verdade sexual está na defesa do relacionamento heterossexual, naturalizada e romantizada pelo médico, que acreditava ser o homem e a mulher naturalmente constituídos um para o outro. Todavia, a defesa de Zwang vai além do relacionamento heterossexual. O autor pretendeu apresentar uma nova verdade também sobre a mulher, segundo ele depreciada pela arte e pela ciência. Para Shere Hite a grande verdade do sexo está na insatisfação sexual feminina decorrente de um modelo sexual opressor. Hite se ampara na estatística para comprovar a sua teoria. O fato das mulheres americanas compartilharem as mesmas insatisfações constitui prova de que sua proposição é verdadeira e que as mulheres estão insatisfeitas.

Os dois autores se pautaram na ciência sexual para defenderem as suas verdades, todavia, ambos se colocam num lugar político em defesa da mulher. O engajamento de Hite e de Zwang supera as barreiras da sexualidade e corresponde a um cenário maior de emancipação. O engajamento de Zwang é em prol da auto-estima das mulheres, de uma retratação cultural e estética do corpo feminino, em oposição a uma desvalorização injusta conduzida por uma sociedade misógina e falocêntrica. Já a luta da historiadora e feminista Shere Hite passa pela emancipação sexual, mas ela faz parte de uma luta maior, de emancipação econômica e de emancipação da mulher enquanto sujeito no mundo. Para Hite, libertar-se das opressões do patriarcado passa pela emancipação sexual, pois significa alcançar a igualdade dentro de um relacionamento.

Os dois livros escritos no auge do feminismo fazem parte do processo de reavaliação do que era ser mulher, que por sua vez está relacionado com a apropriação do corpo e da sexualidade. Os livros são parte integrante desse processo, pois contribuíram para a construção de um novo olhar acerca da feminilidade, lutaram contra misoginia e colaboraram para a construção de um olhar positivo da sexualidade feminina. Ao defender a apropriação feminina do seu próprio corpo e desejo, Zwang e Hite contribuíram para a constituição de um bem estar da mulher consigo mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos 1960 e 1970 foram marcados pela ampla inserção dos discursos sexuais na vida do casal e dos indivíduos. Os assuntos relacionados ao sexo se popularizaram de tal maneira, que se tornaram matéria privilegiada nos meios de comunicação de massa e na vida cotidiana. Todavia, ao passo que a felicidade sexual se tornou um indicador de normalidade, a insatisfação e a busca constante por um melhor desempenho sexual conduziu diversas mulheres a uma constante busca pela adequação sexual e pela necessidade de uma performance sexual que fosse indicador da adequação e da própria definição de feminilidade.

Como analisado principalmente no segundo capítulo desse trabalho, esse período foi marcado por grandes contradições e por uma constante busca pelo aperfeiçoamento sexual, principalmente no que diz respeito às mulheres, pois ao mesmo tempo em que elas eram incentivadas a uma vida sexual mais livre, ainda vigorava uma vigilância moral da sexualidade desenvolvida fora dos limites da conjugalidade heteronormativa. Nesse sentido, o que Gérard Zwang e Shere Hite fizeram foi promover outra perspectiva na contramão de uma liberdade sexual ainda muito impositiva para as mulheres.

A publicidade da vida íntima foi também uma via de mão dupla: ao passo que as revistas e os livros científicos se popularizaram, a vida sexual se tornou parte do debate público e ainda que as mulheres tenham sofrido com as imposições sexuais, os debates informados pelos discursos científicos e pela segunda onda do feminismo levaram o conhecimento da própria sexualidade, a reivindicação pelo direito ao orgasmo e domínio sobre o próprio corpo. Essas reflexões foram e continuam sendo parte importante no processo de igualdade de gênero e na promoção da emancipação feminina.

Os autores aqui estudados procuraram defender uma nova maneira de pensar a sexualidade e o corpo feminino, principalmente por fazerem um esforço em não restringi-la ou cerceá-la. Além do mais, um dos pontos que mais nos chamou a atenção durante a pesquisa foi a constatação de que a defesa de Zwang e Hite vai além dos limites da intimidade. Comum ao feminismo da segunda onda, o que é íntimo passou a ser visto como político e por isso passível de mudanças. Em 1967 Gérard Zwang promoveu uma defesa linguística e artística do sexo da mulher, em franca oposição à desvalorização cultural do corpo feminino, além disso, Zwang defendeu que os homens dessem maior atenção aos desejos e às demandas sexuais de suas companheiras. Na década seguinte, Shere Hite escreveu sobre a insatisfação sexual

feminina, denunciando o modelo sexual em curso como depreciador das mulheres. Ainda que os autores estudados neste trabalho apresentem divergências, ambos compartilham de uma visão positiva acerca do corpo e da sexualidade feminina. O médico francês Gérard Zwang, através de uma descrição minuciosa do sexo da mulher, defendeu uma reabilitação estética e cultural do corpo e sexualidade feminina. Shere Hite buscou principalmente uma redefinição do modelo de sexualidade, não orientado por um viés reprodutivo. Ambos se dedicaram na promoção de mudanças na sexualidade, mas que na verdade, se relacionam com um movimento maior de emancipação, pois se pautam na promoção de um melhor relacionamento da mulher consigo mesma. Ao se engajarem na defesa do corpo e da sexualidade feminina, Zwang e Hite tecem uma defesa política da mulher no mundo, como ser pleno de direitos.

Os dois autores nos ajudam a refletir sobre a sexualidade nos anos 1960 e 1970, mas também sobre a sexualidade contemporânea, cada vez mais forjada por uma indústria sexual que reifica as relações, moldando-as de acordo com uma lógica de consumo que pouco tem a contribuir com a experiência sexual, principalmente no que se refere ao prazer feminino. O que os autores estudados neste trabalho propuseram é que as relações sexuais fossem repensadas e principalmente, que o conceito de liberdade sexual fosse avaliado, principalmente a liberdade sexual feminina, tecendo, nesse sentido, importantes reflexões ainda para a contemporaneidade.

Dessa maneira, concluímos o trabalho acreditando que Shere Hite e Gérard Zwang apresentaram um discurso sexual filógeno, pautado na empatia e na defesa do sexo feminino. Duramente críticos aos conceitos misóginos ou às restrições aos desejos sexuais femininos, contribuíram principalmente para a defesa das mulheres como sujeitos no mundo.

FONTES

HITE, Shere. **O Relatório Hite – Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina.** São Paulo: Círculo do Livro S/A.

ZWANG, Gérard. **O sexo da mulher.** São Paulo, Editora da UNESP, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O Que é Feminismo.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARIÉS, Philippe e BEJÍN, André (Orgs). **Sexualidades ocidentais.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In. DUBY, Georges; Perrot, Michelle. (Orgs.). **História das mulheres no ocidente.** O século XX. Trad. Alda Maria Durães. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Grall, 1982.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1971.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, Purificacion Barcia. Separação contingência do casamento? In. PORCHAT, Ieda. (Org.). **Amor, casamento, separação – A falência de um mito.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

NECKEL, Roselane: **Pública vida íntima: a sexualidade das revistas femininas e masculinas (1969-1976)**. São Paulo: PUC/SP, 2004. Tese – Doutorado em História – Programa de Estudos Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RAGO, Margareth. **O elogio do sexo da mulher**. In: Cadernos Pagu, Volume 14, Corporificando Gênero. Campinas: UNICAMP, 2000

SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas**. Tese Doutorado Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Centro de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

_____. **Os relatórios Kinsey: Práticas sexuais, estatísticas e processos de normali(ti)zação** in Fazendo Gênero nº 09. “Diásporas, diversidades, deslocamentos”. 23 a 26 de agosto de 2010.

_____. **Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70**. Rev. Estud. Fem. vol.18 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2010.

SOHN, Anne-Marie. O Corpo Sexuado. In COURTINE, Jean-Jacques. (Direção) **História do Corpo: As mutações do Olhar. O século XX**. 2ª Edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.